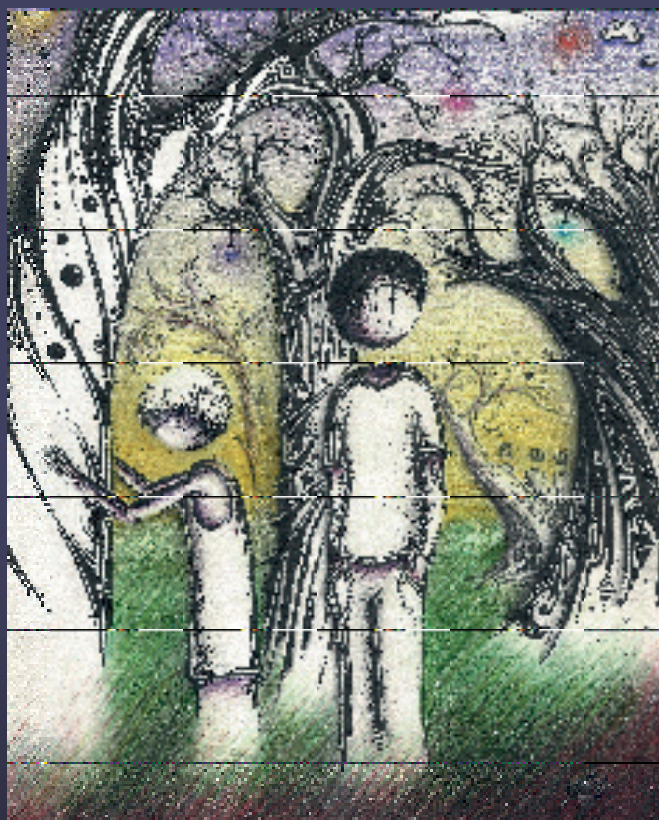


O ANOFELINO SOLERTE



Marcos Cardoso



EDISE



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado do Governo

Elder Sandes Vieira



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Administrativo-Financeiro

Marcos Antonio Moura Sales

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Antônio Amaral Cavalcante

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

O ANOFELINO SOLERTE



Marcos Cardoso

 **EDISE**

Aracaju
2018

Copyright 2018 by Marcos Cardoso

PROJETO GRÁFICO

Adilma Menezes

Cícero Guimarães

ILUSTRAÇÕES E CAPA

Marcus Vinicius

REVISÃO

Yuri Gagarin

PRÉ-IMPRESSÃO

Marcos Nascimento

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU)

C268a Cardoso, Marcos

O anofelino solerte [recurso eletrônico] / Marcos Cardoso. – Aracaju :

Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2018.

204 p.:il.; 21 cm. E-book PDF.

Modo de acesso: world wide

web: <https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-85-53178-13-1

1. Romance. 2. Ditadura Militar. 3. Sergipe. 3. Bahia. I. Título.

CDU 869.0(81)-1

Elaborado por Neide M. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada



Editora do Diário Oficial de Sergipe

Rua Propriá 227, Centro, Aracaju/SE

CEP: 49010-020. (79) 3205-7421

edise@segrase.se.gov.br

Para NÉLSON DE ARAÚJO (4.9.1926-7.4.1993), capelense e baiano, que via como fruto da mesma essência o romance, a novela, o conto e o drama: “Todos são subgêneros de um gênero maior, que é a arte de elaborar o episódio. Noutros termos: a arte de fazer bonequinhos andar na mente humana, seja através do desenho nos livros, no caso do romance, novela ou conto, seja através do desenho ao vivo de atores sobre o palco, no caso do teatro”.



UM ROMANCE DE FORMAÇÃO



Descobertas, dores do crescimento, busca por aceitação, desejo de ascensão, superação. É na transição para a vida adulta que os valores pessoais se internalizam e a personalidade se define. Na literatura, a narrativa sobre o processo de desenvolvimento físico, psicológico, moral, espiritual, social e até político de um personagem recebeu um nome alemão, *Bildungsroman* — romance de formação ou romance de aprendizagem.

Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister, de Johann Wolfgang von Goethe, é considerado o marco inicial do *Bildungsroman*. É a história do filho de um casal da burguesia alemã que decide juntar-se a uma trupe de comediantes, ingressa no mundo do teatro e, às voltas com experiências, pessoas e lugares diferentes, traça uma trajetória que desenha um painel da sociedade de seu tempo. Publicado no estertor do século 18, é considerado um divisor de águas na história da narrativa.

No romance de formação, o crescimento do indivíduo extrapola a harmonia ou complexidade da sua existência interior para distinguir o modo como ele se insere no contexto social. A interação do protagonista com as cenas e paisagens é uma afirmação do desenrolar da vida e maneira de pensar do lugar, assim como dos costumes da época, do seu tempo histórico. Afinal, como observa Mikhail Bakhtin, em sua *Estética da criação verbal*, a evolução do homem é indissolúvel da evolução histórica.

Esse tipo de narrativa que expõe, em detalhes, a jornada de um personagem desde a sua infância ou adolescência até a maturidade foi utilizado por romancistas de escolas literárias e épocas diferentes. Charles Dickens, *David Copperfield*, 1850, e *Grandes Esperanças*, 1861; Mark Twain, *As Aventuras de Huckleberry Finn*, 1884; Hermann Hesse, *Demian*, 1919; F. Scott Fitzgerald, *Este Lado do Paraíso*, 1920; James Joyce, *Retrato do Artista Quando Jovem*, 1916; J.D. Salinger, *O Apanhador no Campo de Centeio*, 1951; e J. K. Rowling, *The Harry Potter series*, 1997-2007, são alguns dos exemplos mais conhecidos.

No Brasil, o romance de formação encontra adeptos em Raul Pompéia, *O Ateneu*, 1888; Oswald de Andrade, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, 1924; José Lins do Rego, *O Moleque Ricardo*, 1935; Jorge Amado, *Jubiabá*, 1935, considerado um “romance de formação proletário”; Graciliano Ramos,

Angústia, 1936, e *Infância*, 1945; Josué Montello, *Os Tambores de São Luís*, 1975; e, por que não?, Clarice Lispector, *Perto do Coração Selvagem*, 1943, romance de forte apelo psicológico e narrativa entrecortada pelo fluxo de consciência.

Este *O Anofelino Solerte* é um romance de formação. É uma narrativa sobre a descoberta da amizade, do desejo, do amor, da vida e da morte. História de crescimento físico, intelectual e emocional de um pequeno burguês que, ainda jovem, vê-se obrigado a conviver com a dor e a superação, colocando sentimentos e valores em cheque ao perpassar os dilemas da transição entre a adolescência e o mundo adulto.

A narrativa é ambientada em três lugares convizinhos, mas distintos, Salvador, Aracaju e Atalaia Nova, na Ilha de Santa Luzia, e o tempo histórico é a ditadura militar, momento politicamente duro e culturalmente rico do Brasil. O protagonista, Mosquito, não possui nada de especial além da sua capacidade de conviver com as diferenças e de aprender logo cedo que a vida vale a pena se você consegue suportar e sobreviver às próprias feridas e às dores dos próximos.



SUMÁRIO

<i>Um romance de formação</i>	9
	17 1 O estupro
2 <i>As ladeiras da Bahia</i>	23
	27 3 O suicídio
4 <i>Detidos</i>	33
	37 5 Um campeonato
6 <i>A primeira vez</i>	41
	45 7 No 28º BC
8 <i>Três homens</i>	49
	55 9 O Papafigo
10 <i>Os irmãos Loteca</i>	59
	63 11 Um louco
12 <i>Outro louco</i>	67
	71 13 Uma farra
14 <i>Dedinho surrado</i>	75
	79 15 Neide
16 <i>Vinicius</i>	83
	87 17 Pisa no freio
18 <i>Uma orgástica</i>	93
	95 19 História verdadeira
20 <i>Tragédia no morro</i>	99

	101	21 <i>O amor sobrevive à morte</i>
22 <i>Pera, uva ou maçã</i>	105	
	109	23 <i>Um poema, uma paixão</i>
24 <i>Atalaia Nova</i>	113	
	117	25 <i>Eliete</i>
26 <i>O bobo beija a Vênus</i>	123	
	129	27 <i>Tio Rodolfo na Bahia</i>
28 <i>Minha primeira morte</i>	135	
	141	29 <i>Contador de histórias</i>
30 <i>Uma lesão medular</i>	147	
	151	31 <i>Uma vergonha</i>
32 <i>Santo Graal</i>	155	
	159	33 <i>Desesperança</i>
34 <i>Um cão vivo</i>	161	
	167	35 <i>A vida é bela</i>
36 <i>Tetraparesia</i>	171	
	177	37 <i>Santo Daime</i>
38 <i>Usando a cabeça</i>	183	
	189	39 <i>Cadeira de rodas</i>
40 <i>Uma ereção</i>	193	
	195	41 <i>Prancha ortostática</i>
42 <i>O sonho</i>	201	







1

O ESTUPRO

Isso não me sai da cabeça. Foi uma das coisas mais deprimentes daquelas férias em Aracaju, o estupro de Paulinho. Estupro? Se diz estupro quando falamos de violência sexual contra um menino? Violação, sei lá! O tarado do James, um homem já, engabelar o pobrezinho e atraí-lo até os fundos da Vila Militar, atrás dos pés de manjelão, preparado com um frasquinho de óleo de cozinha. Ele tinha premeditado tudo. A turma, a meninada curiosa, desconfiada, seguimos à distância, de um jeito que, sem sermos vistos, testemunhamos aquele espetáculo bizarro. E atraente. Infelizmente.

O safado com o vidrinho, daqueles de frascos de mertiolate, destampando e passando óleo, lubrificando, já abaixado o calção de Paulinho, que esperava quietinho o James besuntá-lo também. O menino, com as duas mãos segurando o tronco enegrecido da árvore, aquelas mãos magrinhas na casca grossa da árvore, as pernas finas afastadas, entreabertas, esperando ali,

tão cordeirinho. E depois o bruto ficar tentando, uma, duas, três vezes, até conseguir o intento, desgraçar o menino, que, coitado, desabafou num grito de dor e pavor: Ai, minha mãe!

Foi triste, triste demais. E ninguém esquece, essas coisas envolvendo safadeza ninguém esquece. Fica martelando na cabeça e você se sente culpado, martirizado, porque não fez nada e porque, no íntimo, flagrando o ato, sentiu algum desejo. Isso lateja na sua mente a vida toda. Incomoda demais.

Ninguém ouviu, naquela brenha cercada de cajueiros, mangueiras e samambaias, só nós três ali escondidinhos, sem piscar, olhos esbugalhados, morrendo de medo, mas nada de arredar pé. Eu, Marinho e Pato. O tarado terminou o serviço, se limpou com um pedaço de papel higiênico, que também já levava no bolso da bermuda, mandou o guri vestir o calção, sem nem ajudar a se limpar, ordenando que fosse embora calado, que se desse um piu ia ser pior.

Depois de abusado, o bichinho saiu quietinho. Dava pena, um filhote de passarinho molhado que caiu do ninho. Quando os dois saíram, James para um lado e sua delicada presa para o outro, nós retornamos, seguindo Paulinho à distância, sem deixar que nos visse para não aumentar a vergonha. Na mão, carregava um pião que o pilantra lhe dera como recompensa. Era a paga prometida.

James era pervertido, nós já havíamos sido advertidos de que era um maníaco. Os pais dele eram vi-

zinhos dos pais de Marinho, meu melhor amigo naqueles tempos de férias em Aracaju. A mãe de Marinho dizia para ele e os irmãos manterem distância do vizinho, um sarará de olhos claros, com uma cicatriz marcando em diagonal o lado direito do rosto. Ele não tinha fama boa.

— Só quero ver você e seu irmão brincando com gente da sua idade, Marinho — repetia dona Luzia, desconfiada como toda mãe zelosa.

Quando chegamos à casa de Marinho, permanecemos cabisbaixos por um bom tempo, depois ficamos os três discutindo o que deveríamos fazer.

— Vamos contar à mãe de Paulinho — sugeriu Pato, que era o irmão mais novo de Marinho e tinha esse apelido por causa da voz de “taquara rachada”, parecida com a do Pato Donald.

— Você tá doido! Se a gente fizer isso, James pode querer se vingar no menino — ponderei, agora agitado, pensando que a situação também poderia se tornar ainda mais constrangedora para o Paulinho. Acho que foi um erro. Até hoje me penitencio.

— Pode ser, Mosquito, mas se a gente não fizer nada como é que vai olhar pro Paulinho? — indagou Marinho, um líder, o exemplo a ser seguido, inclusive pelo próprio Paulinho, um dos mais pobres da turma e órfão paterno. Caminhoneiro, negro forte, o pai morreu assassinado por engano numa discussão na estrada, no acesso a Itabaiana. Diz-se que foi confundido.

Acabrunhado, Marinho não sabia se conseguiria mais encará-lo. Era difícil olhar naqueles olhinhos de novo.

Mosquito é o meu apelido. Eu era raquítico, inquieto e sempre fui desinibido, ao contrário do sergipano, que é de índole contido, às vezes casmurro. Quando cheguei a Aracaju, fui logo atrás de conversa, procurando me enturmar. Durante uma pelada, vendo-me correr de um lado para o outro e vociferando esse meu sotaque de Recôncavo Baiano, Marinho não perdoou:

— Vai Mosquito, pega a bola!

Marinho era genial até nisso. Ele olhava a pessoa e tascava um apelido que ficava certinho, igualzinho à cara do apelidado. Já encorpado, cabelo crespo, inventivo, bolava as brincadeiras e criava os brinquedos mais interessantes da rua. Era um inventor mesmo, que transformava velhas latas de óleo e de leite em pó em máquinas sensacionais. E era respeitado. Até Maurício Dedinho, o moleque mais pirracento da região, o considerava. Dedinho era irmão mais novo do James e tinha esse apelido porque não possuía quatro dedos em uma das mãos, onde restava apenas um defeituoso polegar. Foi de nascença, segundo se sabia.

— Pois então já nasceu marcado, pra Deus não perder de vista — dizia o Pato, prontamente censurado pelo irmão mais velho:

— O que é isso? Quer ser castigado?

Naquela conversa sobre o que poderíamos fazer, Paulinho apareceu. Estava pálido, mas lívido, enquanto nós parecíamos mais sem graça do que ele.

— Oi, Paulinho. Quer brincar com a gente? —
perguntei, meio sem saber o que dizer. Paulinho sor-
riu amarelado e mostrou o pião. Marinho não suportou
aquilo e, silenciosamente, começou a chorar.



AS LADEIRAS DA BAHIA



Eu nasci e me criei nas imediações do Campo Grande, mais precisamente no Garcia. Filho de um astuto sergipano, que se casou com uma espanhola e fez alguma fortuna na Bahia, tive uma infância marcada por certo rigor, mas bordada de felicidade. Estudei no tradicional Colégio Antônio Vieira, na mesma Rua Leovigildo Filgueiras, que naquele tempo nem aceitava meninas ainda. Ensino religioso puxado, responsável por moldar a pouca disciplina que consigo manter ainda.

Quando não estava estudando, vivia explorando os meus pequenos mundos. Subindo e descendo ladeiras, caminhei muito até o Farol da Barra, de um lado, e até o Solar do Unhão, do outro, onde gostava de ver os rapazes mergulharem no peito para arpoar polvos e lagostins. Eu também tentava, raras vezes conseguia. Apneia exige muito fôlego e meus pulmões definitivamente não são o meu forte.

Eduardo Mello Dantas nasceu na cidade sergipana de Capela, na zona açucareira do vale do Cotinguiba, região de tabuleiros a meio caminho do Baixo São Francisco. Espírito aventureiro e sem nenhuma paciência para depender de uma cana-de-açúcar que vivia dando constantes sinais de decadência, logo cedo meu pai resolveu que ganharia dinheiro no sul da Bahia, nas terras grapiúnas do cacau, seguindo a trilha de outros conterrâneos que fizeram fortuna nos arredores de Itabuna e Ilhéus. Ali não ficou rico, afinal chegou atrasado para usufruir do apogeu da cultura cacaueira, mas ganhou o suficiente para comprar uma mala nova, de couro importado, e conseguir retornar. No caminho de volta, parou em Salvador para descansar e nunca mais deixou a boa terra.

Ele era um homem se não culto pelo menos afeito à leitura, bem orientado em casa e bastante rodado. Filho de um farmacêutico autodidata que fundou um jornal lá na Zona da Mata sergipana, chegou a estudar em Aracaju, mas nem concluiu o ginásio. Dizia que para ganhar dinheiro e viver confortavelmente não era preciso esquentar o traseiro num banco escolar: bastava apenas aprender o suficiente para saber ler, escrever e realizar as operações básicas da matemática, além de possuir tino para o comércio e, acima de tudo, disposição para trabalhar. De fato, faro para bons negócios e vontade de se entregar à lida diária eram os traços distintivos da sua personalidade. Mas era também um homem sensível, que gostava do cheiro dos livros e que tinha no prazer de folhear as páginas o seu lazer.

Conheceu Maria del Carmen Fernández, a senhora minha mãe, no mesmo ano em que desembarcou na rodoviária de Salvador, quando ainda era próxima das Sete Portas, e já morava num pensionato da Rua Carlos Gomes. Ela chegou da Galícia ainda criança, nos anos 30, quando os pais fugiram da ditadura de Francisco Franco. Os velhos compraram e fizeram prosperar uma pequena panificadora no Largo Dois de Julho, onde anos mais tarde a bela moça de olhos amendoados, pele clara e cabelos negros viu Eduardo pela primeira vez.

O tabaréu sergipano ainda novato nos mistérios da Bahia fazia entrega de fardos de papel, um papel grosseiro, chumbado, então usado para embalar pães. Foi difícil para ela convencer o velho Fernández de que gostaria de casar com aquele rapaz simples, embora de reconhecida qualidade, já que trabalhador, porque o galego alimentava o sonho de um dia regressar ao porto atlântico da sua querida Vilagarcía de Arousa, província de Pontevedra, logo abaixo de Santiago de Compostela, onde Maria deveria encontrar um bravo ativista galego com quem deveria se casar na igreja de Santiago de Carril para ter muitos filhos.

“Filha minha há de casar-se na Galícia, abençoada na Igreja Católica Apostólica Romana e cercada dos meus irmãos galegos”, dizia o velho meu avô, naquele seu sotaque carregado de erres e, às vezes, incompreensível.

Quando enfim convenceram o pai, noivaram e casaram ligeiro, demasiado jovens ainda, no alvorecer

daqueles ousados anos 50. O velho queria que os dois ficassem morando com eles, onde Eduardo deveria tomar conta da padaria, afinal, Maria era filha única. O sergipano dos tabuleiros consentiu em dividir a casa por uma temporada, contanto que ele e Maria constituíssem um negócio próprio.

O velho resmungou muitas vezes, praguejou contra o generalíssimo outras tantas, as bochechas vermelhas a ponto de explodir, mas acabou emprestando o dinheiro necessário para a filha e o genro abrirem uma portinha na Avenida Sete de Setembro, onde passaram a negociar chapéus femininos, que a própria jovem senhora costurava, e alguns poucos sapatos que Eduardo comprava a crédito e a muito custo. A casa parecia cheia de mercadorias, mas, para impressionar a clientela, ele lotava as prateleiras mais altas da lojinha com caixas de sapatos vazias. Essa foi uma prática que se manteve por alguns anos e sempre deu resultado. Ao que parece, nenhum cliente jamais desconfiou da artimanha do sergipano.

Para resumir a história do progresso dos dois, é suficiente dizer que Eduardo e Maria del Carmen construíram um pequeno império comercial, muitos anos depois ampliado para lucrar em vários ramos de atividades, de supermercados a postos de combustíveis. Já abastados, mudaram-se para uma antiga e confortável casa no Garcia, onde eu, José Agostinho Fernández Dantas, o “Mosquito”, último dos quatro filhos, vim ao mundo, para viver e contar.



3

O SUICÍDIO

— **E**u ganhei um pião novo, é turino. Vamos jogar? — respondeu Paulinho, aproximando-se de nós.

Turino era como eles chamavam o pião que suportava bem o repuxo da fieira, zunia forte quando rodopiava, tinha um ferrão resistente e era duro o suficiente até para partir as carrapetas ao meio. Porque também se mostrava força assim, quebrando o pião do outro em duas bandas.

— Não, Paulinho, deixa essa brincadeira de pião pra lá. Agora estamos brincando de Forte Apache — cortou Marinho, meio fulo, segurando um caubói em miniatura, trajando vermelho e azul e montado sobre um cavalinho negro de plástico.

Nós gostávamos de jogar pião, embora eu mesmo fosse uma negação, porque o meu quase sempre caía de cabeça para baixo. Preferia Forte Apache, aquela guerra dos brancos contra os índios, na qual sempre dávamos

um jeito de terminar fazendo a conciliação entre colonizadores e naturais norte-americanos. Só que, naquele dia, ninguém estava mais interessado em brincadeira nenhuma e Marinho falou aquilo só por falar.

— Vamos perguntar à Zélia se ela já fez a merenda — sugeriu Pato, que, além de orelhudo e queixudo, era guloso, mas não era burro.

Zélia era uma moça de Esplanada que, desde a adolescência, morava na casa de Marinho. Ela inventava pratos mirabolantes para não deixar a meninada sem o lanche da tarde quando faltavam os indispensáveis biscoitos e pães, ou quando não tinha dinheiro para comprar pão com salame e Fanta. Um dia, como quase todo dia, na falta de lanche melhor, ela inventou uma coisa batizada de “maima”, nada mais do que o pão dormido passado na frigideira com manteiga, leite e açúcar. Uma delícia, todos concordaram.

Mas o lanche daquela tarde poderia ter sido melhor digerido. As imagens do episódio envolvendo Paulinho estavam muito vivas, não nos deixavam concentrar em distrações ou outro afazer, iam e vinham em flashbacks. E o que aconteceu em consequência daquilo nos marcaria como uma cicatriz de aço quente.

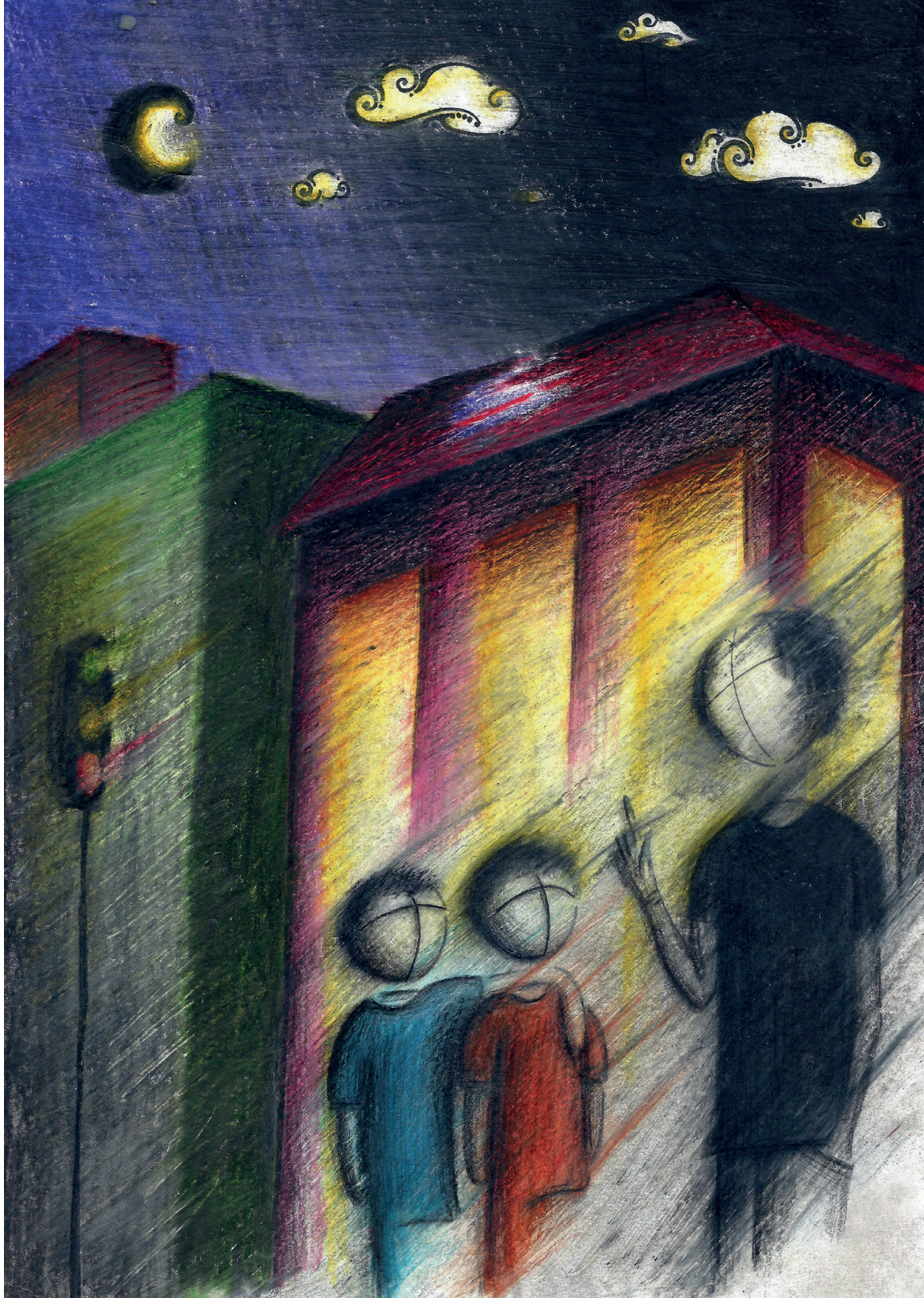
Muitos anos depois, por intermédio de uma prima, soube que Paulinho se matou. Lamentei muito, chorei escondido, senti culpa, não disse nada a ninguém. Vivo tentando compreender como uma agressão moral pode levar alguém ao cúmulo da autodestruição,

mesmo que tenha acontecido na infância. Ou talvez até por isso. Imagino que o ato impulsivo e covarde do James tenha acabado com a harmonia dos valores individuais de uma criança frágil, que só queria possuir um pouco mais do que sua mãe podia lhe oferecer.

Essa prima, Jussara, contou que Paulinho se afastou de todos, evitava encontrar-se com Marinho, transformou-se num adolescente triste, depois num homem só, sem amigos nem namoradas, não participava mais das alegrias da turma. Um dia, a mãe abriu a porta do quarto para despertá-lo e ele estava pendurado por uma cordinha de nylon amarrada à tramela da janela. Era a fieira do pião, duas voltas em torno do pescoço, uma tira dupla bem esticada e pronto. Bastou ajoelhar-se e aguardar. Foi corajoso.

Corajoso? Às vezes eu penso que o suicida é um covarde exibicionista. Busca resolver um problema da maneira mais radical possível, pondo termo à própria existência sabendo que vai causar comoção e remorso aos que ficam, que o amem ou o odeiem, escolhendo o momento e o modo de perpetrar sua encenação terminal, deixando sinais precisos de sua intenção.

Pobre Paulinho! Destruído por um homem que só queria sexo, sem se preocupar com nenhuma consequência. Não suportou o peso da vergonha e da humilhação e preferiu a saída estúpida do suicídio a ter de carregar aquele trauma para sempre. Percebeu ele que assistimos sua desgraça, que o vimos ser violentado? Quem sabe...





DETIDOS



Em Salvador não havia cajueiros — pelo menos com a abundância encontrada em Aracaju. Na minha terra, lembro-me de muitas mangueiras, principalmente no Vale do Canela. A coisa que primeiro me chamou a atenção naquela cidade tão plana e ainda pequena foram os cajueiros. Quando estive lá pela primeira vez, devia ter uns sete ou oito anos, era quase verão, começo de dezembro, aquela primavera quente e úmida de capital nordestina, e os cajueiros estavam especialmente floridos. Achava até que estavam embelezados para nos receber. Alguns já carregavam maturis. Havia um cheiro forte dos pequenos brotos, que se misturava ao cheiro das flores das mangueiras, que acho mais adocicado e enjoativo até.

Depois, me chamaram a atenção os moleques, e havia muitos moleques, que viviam soltos que nem animais, trepados sobre os cajueiros. Saltitavam, desciam, subiam, pulavam, caíam, e carregavam uma expressão

de felicidade contagiante. E eu estava doido para ser contagiado. Mesmo que depois ficasse impregnado daquele odor forte de cupinzeiro, “fedor de macaco”, como dizia dona Luzia. Mas era bom demais para se resistir àquela liberdade.

À sombra ou sobre os cajueiros, aprendia-se muita coisa que prestava e muita coisa que não prestava também. Eu mesmo aprendi muito com eles. Poucos anos depois, quando já tínhamos 11 ou 12 anos, por exemplo, quase me senti obrigado a aprender que o mais viril era aquele possuidor de mais pelos sobre o púbis.

— Quem tiver mais pentelho fica embaixo para ver se os samangos não vêm — dizia Marinho que, claro, já era o mais “peludo” do grupo e se aproveitava da autoridade conferida pela idade e os púberes pêlos.

Eram temerosos os samangos da Vila Militar, a vila de oficiais que achou de se instalar no melhor sítio do bairro. Quando acontecia de segurar a um de nós, trancavam na casinha e só soltavam quando o pai ia buscar, não sem antes ouvir um sermão. Os soldados refletiam os ensinamentos da caserna, eram arrogantes e prepotentes. Às vezes até violentos. E eu tinha razões para não gostar daquela farda. Um dia, Marinho e eu fomos presos. Sob ameaça de levar uma surra de cinto de couro, o corajoso Marinho não se dobrou e não entregou os companheiros, que continuavam escondidos e trêmulos sobre os cajueiros, mangueiras e jamelões. Mas o castigo não se limitou a ficarmos detidos num

banheiro sujo. Fomos quase obrigados — pior das humilhações! — a tomar banho frio. Quase.

Um dos recrutas jogava água pela bandeira da porta e nós fingíamos, gritando e pedido socorro, que estávamos ensopados e com frio. Mas não deduramos os outros nem debaixo da terrível tortura. Quando seu Correia, o pai de Marinho, chegou, continuávamos enxutos, para decepção dos militares, porque estivemos o tempo todo justamente encostados à porta. Mas fomos para casa desmoralizados por um sermão que durou todo um percurso de mais de cinco quadras, que era a distância da Vila Militar até a casa de Marinho. “Onde já se viu roubar caju e manga no sítio dos outros?”



UM CAMPEONATO



Sobre os cajueiros aprende-se de tudo, como já disse. Ainda naquela fase de descobertas da pré-adolescência, foi trepado em um cajueiro que aprendi a me masturbar. Um dia, alguém falou que já tinha esperma e foi obrigado a demonstrar ali mesmo, para provar que não estava blefando. Ninguém queria admitir, mas foi uma admiração geral.

— Puxa, fulano já é homem, tem até gala! — dizíamos à boca pequena.

Foi uma decepção também, principalmente para os menores, que tentávamos, coitados, e não conseguíamos nem gozar. Eu estava entre eles. Mas um dia, milagre: chuá! Que sensação estranha e gostosa! Eu tinha que mostrar aquilo para a turma. Só que os maiores sempre desdenhavam, diziam que possuíam mais, que esporravam mais longe. Foi quando alguém sugeriu que se fizesse um campeonato para medir quem jogava o esperma mais distante. O local? Em cima de um cajueiro, claro!

Havia um cajueiro grande, frondoso, que ficava lá nos fundos do sítio da Vila Militar, onde a ronda preguiçosa dos soldados raramente chegava. Em volta, havia ainda muitos morros de areia branca, resquícios de dunas em processo inicial da degradação especulativa. Foi o local escolhido para a prova. Naquele dia, estávamos lá eu, Marinho, Pato, Paulinho, Dedinho e os irmãos Loteca, Jegue e Bode. Alguns, como Paulinho e Bode, que ainda não tinham idade para aquilo, participaram como meros assistentes. Marinho e Dedinho duelavam para mostrar quem era o mais viril do pedaço. Eu me contentaria com a medalha de bronze, que, imaginava, seria disputada numa peleja acirrada com Loteca e Jegue.

— Tem que ser daquele galho ali. Quem esportar mais longe ganha e leva para casa os cajus que todos apanharem — sugeriu Dedinho, no que a unanimidade considerou uma sugestão até ponderada.

Mas não houve vencedor, porque o próprio Dedinho não se conformou com a derrota. O esperma dele, saindo numa ejaculação bastante precoce, simplesmente escorreu pelos cantos da mão sadia, a que possuía os dedos completos, pingando bem aos seus pés. Uma decepção. Não com relação a Marinho, que gozou tão longe que quase acertou no pé do Pato. Eu mesmo me saí melhor do que o Dedinho e dei uma esporradinha sensacional, para as circunstâncias. A turma até aplaudiu e assoviou, para desespero do nosso amigo frustrado,

que não aceitou a derrota e foi-se embora sem pagar a aposta que ele mesmo havia sugerido. Desde então, fui me aperfeiçoando até me tornar um craque naquele esporte. Sempre que podia, estava lá, sobre um cajueiro, tentando acertar o mais longe que conseguia. Mas nem sempre com testemunha, porque diziam que masturbação demais fazia nascer cabelo na mão.



A PRIMEIRA VEZ



Na primeira vez que fui a Aracaju, com meu pai, minha mãe, os quatro filhos, fomos passar férias na casa de Gothardo Dantas, o mais velho dos dois tios por parte de pai. Tio Gothardo morava longe do Centro, bem depois do Colégio Salesiano, num lugar pra lá do Carro Quebrado.

Naquele tempo, nós viajavamos pela empresa Nosso Senhor do Bonfim, ônibus leito, confortável, o que tornava menos cansativas as mais de quatro horas do percurso entre Salvador e a capital sergipana. Lembro-me como hoje que era uma noite chuvosa, chuva que antecedia o verão, e que eu quase não desgrudei os olhos da janela, atento às luzinhas que passavam, algumas longe, outras mais próximas. Dona Maria del Carmen reclamava, mandando-me fazer o mesmo que os meus irmãos faziam desde que saímos: dormir.

— Desse jeito, você vai chegar a Aracaju mais cansado do que todo mundo — reclamava minha mãe.

Cuidadosa, sempre preparava um lanchinho para comermos dentro do ônibus, mesmo sabendo que parávamos para mastigar alguma coisa no caminho. Delicadamente embrulhados em guardanapos, a espanhola invariavelmente carregava sanduíches de pão com galinha assada.

Passávamos por Entre Rios, onde havia um posto de parada da empresa de ônibus, e ali tomávamos café com leite bem quente acompanhado de sanduíche de queijo, também fumagando. Uma hora depois, mais uma parada em Cristinápolis, primeira cidade de Sergipe, para comprar doce-de-leite e, finalmente, Rodoviária Luís Garcia, no Centro da capital sergipana. Durante anos, essa se tornou uma rotina na minha vida. Jamais esquecerei daquele cheiro do plástico das poltronas, do sabor do sanduíche de queijo com café bem quente, dos tabletes retangulares de doce-de-leite. E do cuidado de minha mãe para que não faltasse nada aos quatro filhos e ao marido.

Naquela época, Eduardo Dantas já era um próspero comerciante, mas ainda não se dava ao luxo de viajar a Aracaju nas asas da Varig ou da Cruzeiro do Sul. Até porque viajar de ônibus — ônibus leito, repito — era mais seguro e confortável, ainda mais para quem não tinha confiança de se arriscar na estrada no próprio veículo. Acostumei-me e sentia um prazer relaxante em viajar assim. Quando meu pai era jovem, viajava de trem. Mas quando já possuía filhos, a Leste

não era mais a mesma e os trens já não prestavam para o transporte de passageiros, pelo menos entre Salvador e Aracaju.

Meu tio Gothardo possuía um DKW-Vemag ano 66, daqueles que abria a porta para trás, e nos esperava na estação rodoviária. Arrumada a tralha toda no porta-malas e bem acomodados, íamos concluir nossa jornada, eu na frente, no colo do meu pai, atento àquela manhã que ameaçava nascer, sentindo a brisa que subia do rio Sergipe e o cheiro dos paralelepípedos molhados das ruas e avenidas por onde passávamos. Primeiro ele gostava de fazer uma volta pela Rua da Frente, dobrava na Praça Fausto Cardoso, um herói local, e subia Itaporanga — que, numa placa, indicava erroneamente “Irapiranga”, lembro como hoje e repeti isso por muito tempo, mas parece que as pessoas não acreditavam em mim. Depois a Avenida Pedro Calazans, Praça da Bandeira — uma praça careca, sem árvore, mas embelezada por um circo armado bem no meio — e, por fim, a Avenida Hermes Fontes, nome de um ilustre poeta sergipano, depois viria a saber.





O irmão mais velho do meu pai morava numa casa de boa acolhida, grande e confortável, valorizada por um quintal fértil. Quase uma chácara, era arborizado com variadas fruteiras e animado por uma criação de galinhas de capoeira de plumagem variada. Era a melhor parte da casa, embora eu apreciasse também a biblioteca, não muito espaçosa, mas bastante variada. Ali eu conheci e me encantei com uma coleção de livros grandes e capas da mesma cor, a luminar Enciclopédia Britânica.

A avenida, ainda de piçarra, era localizada num fim de linha para onde só acorria quem ali tivesse algum interesse. As casas rareavam e havia muitas árvores, sítios de verdade, por onde se podia correr e brincar quase sempre à vontade, digo, sem medo de nada. Ou quase nada.

Ao contrário do meu pai, que só tinha feito filho homem, tio Gothardo possuía três filhas e, adolescentes

ainda, se comportavam como mocinhas recatadas que eram, sempre avessas às brincadeiras da molecada da região. Molecada danada, atrevida e numerosa. Elas só podiam ler os livros que ele permitia e as revistas, antes que manuseassem, passavam por uma censura prévia. Naquele tempo eu não entendia porque nas revistas da casa de tio Gothardo faltavam sempre algumas páginas. Anos depois, descobri que era o dedo censor do querido e imaculado irmão do meu pai. Até fotografia de mulher de maiô ele censurava. Leila Diniz grávida de biquíni na praia, jamais!

Com sua elegância discreta, cara quadrada, barba bem-feita e cabelo branco penteado para trás, Tio Gothardo não gostava dos militares, mas era sempre moderado nas suas manifestações de antipatia ao regime. Naquelas férias, ele comentou com meu pai a alegria que teve quatro meses antes, quando o presidente Costa e Silva foi afastado do governo por motivo de saúde.

— Depois, a frustração foi dobrada. Pensei que voltaríamos a ter um presidente civil, que assumiria o vice, o fraco do Pedro Aleixo, mas os milicos deram o governo para esse meganha do Médici — desdenhou, no almoço daquele mesmo dia da nossa chegada. Estávamos às vésperas de 1970.

Ele era um homem ideologicamente muito lúcido, lia às escondidas até livros de capas vermelhas, como se dizia, mas era um conservador, muitíssimo reservado, conseguindo fazer-se respeitar por todos pelo ca-

ráter e pelo que conquistara na vida sendo um humilde bancário casado com uma respeitável professora, a tia Palmira. Jamais envolveu-se em reuniões políticas, nem mesmo gostava de frequentar os bailes vespertinos dos clubes locais, mas possuía amigos que abertamente professavam a doutrina marxista-leninista. Com os quais também discutia um bocado, e severamente.

Certa vez, o irmão mais novo do meu pai, tio Rodolfo, que na época era envolvido com o movimento estudantil, só não foi preso porque tio Gothardo usou da sua autoridade de homem conhecido e honrado, além de uma sutil esperteza. Estudante secundarista, tio Rodolfo morava com tio Gothardo, para desespero de tia Palmira, que o considerava um rebelde, envolvido com “os subversivos” do Colégio Atheneu, além de não ser muito afeito ao banho e de fumar escondido.

Pois o comando do 28º Batalhão de Caçadores enviou um mensageiro convocando tio Gothardo a subir, no alvorecer do dia seguinte, ao temido quartel localizado na colina do bairro 18 do Forte, na zona norte. Experimentado, meu tio antecipou-se e, naquele dia mesmo, catou todos os livros do irmão mais novo que eram considerados de literatura comunista, juntou os seus próprios do mesmo gênero, fez uma bela fogueira nos fundos do quintal e, à noite, deu fim aos motivos que pudessem comprometer a ele e ao atirado do Rodolfo. E este, sob protesto, foi obrigado a enterrar o que restou da fogueira.

No dia da visita ao comandante, com todos os indícios já devidamente sepultados no quintal de casa, lá atrás das bananeiras, ainda mais cedo do que tio Gothardo esperava a Polícia do Exército estava à porta, com uma ordem para revistar as coisas do secundarista subversivo, que àquela hora ainda dormia folgadoamente. O sargento desconfiou de um Dom Quixote de capa grená, mas se convenceu de que não havia nada que representasse literatura ou propaganda comunista depois que ouviu uma breve explicação sobre quem foi Miguel de Cervantes.

Logo depois, o encontro de tio Gothardo com o comandante do 28º BC realizou-se mais ameno do que havia previsto. Pôde até sentar-se numa poltrona, ao invés do tradicional banquinho reservado aos “suspeitos”, com direito a tomar um cafezinho — meio frio, é bem verdade. Ouviu uma cantilena desgraçada do coronel sobre como cuidar bem para que o rapaz, “um estudante promissor”, não se deixasse influenciar pela pregação soviética, e foi-se embora com o terno tão alinhado e engomado quanto quando chegou ao quartel. Nunca havia sentido tanto medo!

TRÊS HOMENS



Gothardo, Eduardo e Rodolfo, os três Mello Dantas da Capela, possuíam como traço mais próximo a origem, não muito mais em comum do que isso. Gothardo, o mais velho, um senhor no modo de pensar e agir desde jovem, era um homem simples, como já disse, sem desmedidas ambições, mas que se movia como um respeitável homem público, frequentava a missa aos domingos, vivia de casa para o Banco Dantas Freire, no Centro, e vice-versa. Uma vez por ano, religiosamente, fazia questão de viajar com a família, sempre variando entre uma cidade do interior, uma praia ou Salvador. Gostava de ouvir a BBC de Londres em inglês, captava as notícias juntando as palavras que conseguia traduzir, procurava acompanhar as informações sobre a guerra fria e apreciava de verdade a política nacional. Mas só acompanhava os acontecimentos à distância.

Tinha como hobby construir maquetes de prédios e casas. Lembro-me de um casarão e de um edifício

que ele pacientemente arquitetou e montou, moldando as peças e colando-as umas às outras, encaixando-as com precisão de artesão. O prédio, de muitos andares, possuía até elevador e iluminação interna. Era austero, mas delicado e minucioso o meu tio, que se resignava em viver em função da família.

Eduardo, meu pai, o irmão do meio, era o pragmático ambicioso. Sensível, como também já disse, mas possuidor de muito senso prático. Acostumado aos modos da Bahia, gesticulava quando falava e vestia-se de modo casual e descontraído. Inflamava-se quando se referia aos planos futuros. Gostava de ler, era capaz de lembrar passagens completas de Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Albert Camus ou Konstantinos Kaváfis. Do poeta grego, gostava particularmente de recitar o poema *Círios*:

Os dias do futuro se erguem à nossa frente
como círios acesos, em fileira —
círios dourados, cálidos e vivos.

Os dias idos ficaram para trás,
triste fila de círios apagados;
os mais próximos ainda fumaceiam,
círios pensos e frios e derretidos.

Não quero vê-los, que me aflige o seu aspecto.
Aflige-me lembrar a sua luz de outrora.
Contemplo, adiante, os meus círios acesos.

Não quero olhar para trás e, trêmulo, notar
como se alonga depressa a fileira sombria,
como crescem depressa os círios apagados.

Poético e objetivo, o múltiplo Eduardo era um quase ignorante em política. Adorava ouvir o irmão mais velho falar sobre os podres poderes da República, da província de Sergipe e até da Bahia, sem lastimar a menor vontade de aprofundar-se no tema. Gostava de saber que o seu estado natal era dirigido por um baiano, mas não despertava nenhuma paixão pelo assunto. Sentia mesmo certa repugnância por aqueles homens que davam a vida para conquistar uma representação popular, que julgava falsa. Via-se bem crescendo sem carecer de benesses alheias e gostava de deitar a cabeça sobre o travesseiro sem dever nada a ninguém, o que repetia como um mantra budista. Seu negócio, definitivamente, era o comércio.

Um tanto místico, certa vez submeteu-se a uma experiência que lhe agradava recordar. Quando decidiu tentar a vida no sul da Bahia, uma aventura a princípio temida pela família, Eduardo foi levado por sua mãe, de trem, até a cidade de Propriá, à margem do rio São Francisco, dali seguindo de barco até o município fronteiriço alagoano de Porto Real do Colégio, onde visitou uma casa-de-santo. Tinha sido carregado até ali para “fechar o corpo”.

“Lembro-me que fui obrigado a deitar no piso de terra batida da sala da casa, ao comprido, enquanto se

processava um ritual de velas acesas em torno de mim. Minha mãe só observava e foi assim a noite toda. Não sei se foi por isso, mas me considero um abençoado e vejo que me dei bem na vida, talvez graças também a esse sacrifício”, gostava de recordar.

A mãe, minha avó Consuelo Mello, uma mestiça verdadeiramente mística, era a contrafação do meu avô paterno, Augusto Dantas, farmacêutico empírico, praticante da ciência e do jornalismo, que fundou e manteve o semanário “O Norte”, para difundir suas idéias “políticas e científicas”, como fazia questão de estampar. Augusto e Consuelo tiveram na verdade quatro filhos. Havia uma menina, que foi a terceira cria, já alguns anos depois do segundo, e que morreu prematura, de tuberculose. Por isso, a distância maior entre as idades de Eduardo e Rodolfo, o segundo e o quarto filho.

O magrelo Rodolfo então passou a ser o terceiro descendente, de certa forma criado pelo mais velho, que este se sentia um pouco pai do caçula. Rodolfo não tinha nada de metódico ou prático: era político, utópico, inquieto, um constante apreciador das artes, se considerava socialista e se via rigorosamente envolvido na revolução para construir um mundo mais justo e igualitário. Tinha planos de conhecer Cuba. Seus inimigos: os ditadores de plantão. Sonhador, ao mesmo tempo que possuía uma inteligência aguçada, carregava uma humildade sem tamanho, que se revelou maior na maturidade.





O PAPAFIGO



Não se tinha medo de nada quando estávamos brincando pelos sítios de Aracaju. De nada que pelo menos fosse real. Porque se havia uma coisa que assustava, ao menos os mais novos, era uma entidade chamada Papafigo. Dizia-se que era um homem maltrapilho, que carregava um imenso saco às costas, e que matava crianças para lhes roubar e devorar o fígado. Seria essa imagem uma associação com os comunistas? Divirto-me hoje pensando que fosse uma espécie de apreciador de *foie gras* infantil. Os mais velhos invocavam muito a presença do monstro quando queriam ludibriar os menores, embora eles próprios sentissem uma ponta de medo, que procuravam disfarçar.

— Se você for, o Papafigo pode lhe pegar — dizia Marinho ao Pato, quando não achava conveniente que o irmão caçula o acompanhasse numa aventura.

Não só o Pato, mas Paulinho e Bode ficavam assustados quando se rogava pelo monstro e quase sem-

pre obedeciam. Marinho não gostava, por exemplo, que eles o acompanhassem quando ia caçar passarinho, porque os menores sempre faziam barulho, conversavam muito e pisavam desastradamente nas folhas secas, espantando a caça.

No início, as caçadas eram feitas com baleadeiras, badoques, que nós mesmos fazíamos: um bom gancho de goiabeira, pedaço de couro retirado de um sapato velho, borracha de câmara de pneu de bicicleta e elástico de amarrar dinheiro, para prender uma peça à outra. Açoite perfeito. Havia quem adornasse a madeira com mais borracha, que também serviria para desfechar com uma franjinha. A arma foi aperfeiçoada quando, posteriormente, alguém descobriu — provavelmente num lixo qualquer — aquela mangueirinha elástica usada em hospital para amarrar o braço do paciente quando vai tirar sangue: elasticidade e força para acertar passarinho longe. Claro que ninguém se importava com a origem da bizarra matéria-prima.

Caçávamos num lugar que chamávamos de sítio de Seu João, ao lado da Vila Militar, que era conhecido assim por causa do caseiro que tomava conta e que foi responsável por bons sustos. Seu João não era o Papafigo, mas diziam que ele aplicava surra de cansação na criança que fosse flagrada dentro do sítio, coisa que jamais ninguém provou. Era um velho que ficava pitando seu cigarro de palha escondido, espreitando por trás das árvores e arbustos, surgindo do nada para brandir seu facão e espantar os intrusos.

— Moleque safado, se eu lhe pego boto você pendurado num cajueiro, de cabeça pra baixo! — gritava, assustando o suficiente para que passássemos dias sem aparecer no sítio.

Certa vez, Marinho ganhou do pai uma espingarda de ar comprimido. Então a brincadeira de caçar perdeu a graça. Ele fazia uma matança desgraçada no sítio de Seu João — já que na Vila Militar poderia, além de ser preso, ter a arma apreendida — e todos ficavam só olhando, com suas toscas baleadeiras, sem poder competir. Anos mais tarde, eu soube, Marinho deixou de caçar porque morria de pena de tudo que lhe chegava sem vida às mãos.

— Certa vez, eu matei uma rolinha caldo-de-feijão e, quando fui buscar, reparei que bem acima de mim havia um ninho com dois bruguelos. Puxa, como me arrependi de ter feito aquilo — contou, já quase adulto, não sem antes experimentar as caçadas com espingarda de cartucho, ao lado do seu Correia. Mas essa é uma outra história.



OS IRMÃOS LOTECA



Loteka, Jegue e Bode eram filhos de um padeiro consumidor voraz de cachaça Pitu, casado com uma dona de casa evangélica. Eles eram pobres, apáticos, sujos, cheios de piolhos até, mas possuíam a necessária esperteza e simpatia para serem indispensáveis na turma. Todos foram prontamente apelidados — adivinhe por quem?

O apelido do mais velho, José, surgiu numa brincadeira em meio a um terreno baldio, no fundo de uma casa, quando se deparou com velhos cartões perfurados da loteria esportiva e ele percebeu alguma familiaridade naqueles papéis:

— É a loteca do meu pai — gritou, para diversão geral. Pronto! Estava devidamente batizado.

Loteka era prestativo, fazia qualquer coisa para agradar aos amigos, além de ser muito arisco na escalada das árvores, inclusive dos coqueiros, que subia numa rapidez de fazer inveja ao mais ágil dos micos. Se

o tema do dia era tirar coco, Loteca transformava-se no personagem mais importante da história. Parecia um bicho-preguiça: em terra, era apático, gostava de sentar-se de cócoras, agarrado aos dois joelhos enormes, os olhos pendurados, quase sem dizer uma palavra. Quando alguém mencionava subir em árvore, transformava-se e adquiria uma agilidade impressionante. Talvez um camaleão.

Jegue, o irmão do meio, ganhou o apelido pelo tamanho das narinas, enormes, aqueles dois buracos destacados no meio da cara. Baixinho, atarracado mesmo, pernas tortas, joelhos encardidos, era um craque no futebol. Expandia ainda mais as ventas quando se encontrava correndo atrás da bola, para desespero dos adversários, que não conseguiam conter aquele nosso Garrincha. Modéstia à parte, fazíamos uma bela dupla de ataque nos torneios de futebol de salão da Vila Militar.

Naquele tempo não, mas hoje eu reconheço: ele era mais hábil do que eu, capaz de realizar jogadas e gols mirabolantes. Como aquele marcado numa decisão contra os filhos dos oficiais militares, quando, na prorrogação do tempo final, jogo empatado, ele recebeu um cruzamento direto do nosso goleiro. Na entrada da área, matou no peito, deu um lençol sobre o arqueiro adversário, e empurrou suavemente para o fundo da rede. Golaço! Grande Jegue! Jeremias, era o verdadeiro nome dele.

E Bode, que se chamava Jonas, tinha esse apelido não sei nem bem porquê. Acho que porque era o irmão

mais novo do Jegue... Era babão, completamente des-trambelhado, à primeira vista parecia que não acrescentava em nada às brincadeiras, mas era indispensável pelo menos na hora de fazer número. Nas disputas de pемbarra, por exemplo, se não fosse o Bode dificilmente os times estariam completos. Pемbarra é o que chamamos na Bahia de picula. No futebol da rua era a mesma coisa. Mas na quadra da Vila, não, porque lá só jogavam os maiores e os melhores. Nessas partidas “oficiais”, Bode atuava de gandula.

— Vai, Bode, pega logo essa bola!



UM LOUCO



À frente da casa de Marinho, tinha uma vila. Vila de casas pequenas, modestas, mas arrumadas, dignas. As casinhas de parede de meia ficavam numa posição perpendicular à de Marinho, de forma que a lateral da primeira estava virada exatamente para a fachada da casa dele. Era só atravessar a rua, ainda de barro e lama. Naquela primeira casinha morava uma idosa e um filho dela, Gilberto. Este era doido de pedra — demente mesmo, lelé da cuca.

Gilberto era inofensivo, coitado, um louco manso, contavam que um dia fora um estudante de física que endoidou de tanto estudar. Mas, como todo ser humano na sua condição, se impacientava facilmente e a meninada, conhecendo esse ponto fraco, não perdoava. Gilberto fumava um charuto que era simplesmente podre e quando estava na porta da sua casa a fumaça que exalava corria inevitavelmente na direção da casa de Marinho, que era onde a tur-

ma quase sempre se concentrava. Isso foi motivo de grandes confusões.

— Gilberto, apaga esse mata-rato! — gritava um, ao que o pobre coitado respondia com uma saraivada de impropérios, sacudindo sua bengala torta e ameaçando atravessar a rua para tomar satisfação.

— Gilberto, desça do telhado! — atacava outro, olhando e apontando para cima da casa do insano, que se exasperava, caminhava apressado de um lado para o outro e bufava, soprando ainda mais fumaça do seu charuto barato, sem compreender o que estariam querendo dizer aqueles malcriados.

A chateação só acabava quando algum adulto aparecia e ralhava:

— Parem de perturbar o Gilberto, que ele está quieto no canto dele e não faz mal a ninguém — dizia dona Luzia. E, só de vê-la, o pobre do louco se tranquilizava.

Certa vez, aconteceu um episódio engraçado envolvendo a lembrança do Gilberto. Brincávamos de índio e caubói, cada grupo de um lado, todos devidamente paramentados e armados a caráter, quando do lado dos mocinhos Bode apontou seu revólver na direção de uma fictícia montanha, que na verdade era a casa do Gilberto, e avisou:

— Olhem, amigos, sinal de fumaça!

Ao que o gaiato do Marinho, que desorganizava uma boa brincadeira, mas não perdia uma piada, respondeu sério, como se ainda permanecesse no script da

guerra entre mocinhos e bandidos:

— Não, amigo. É o charuto de Gilberto!

Pronto, acabou-se a brincadeira. O Bode ficou meio desapontado, mas todos, caubóis e índios, caíram na gargalhada. Nunca mais esquecerei do Gilberto, principalmente depois dessa tirada.



OUTRO LOUCO



Lembra-me outro louco. Chamavam-no Lopeu, era protegido dos salesianos, vivia em volta do colégio, onde lhe davam comida e dormida, ali e do outro lado da quadra, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, contígua à escola. Este, coitado, era ainda mais demente que Gilberto, se é que se pode classificar assim. Não falava palavra, apenas balbuciava sons estranhos, monossilábicos, inclusive quando “cantava” os hinos religiosos durante as celebrações. Nem ao pobre do Lopeu poupavam os meninos, que inventaram uma rima terrível para o seu nome:

— Lopeu, cu de breu!

Era a senha para ver aquela criatura inofensiva transformar-se numa fera, armar-se de paus e pedras e atacar, literalmente, quem estivesse à sua frente. Nesse caso, quem o acalmava era a presença de um padre, qualquer um deles, a quem corria a babar a mão. Claro que o religioso quase sempre tomava as dores do pobre

homem, antes de passar um sermão desconcertante na gurizada. Se fosse aluno, então, seria obrigado a ficar de castigo na igreja, rezando todos os Pai-Nossos e Ave-Marias da penitência, de joelho, pedindo perdão a Deus.

Uma vez, Lopeu salvou a vida do Pato. Ele e o irmão estudavam no Salesiano. Naquele dia, por um motivo qualquer, Marinho havia faltado à aula. Dedinho não sabia disso e o aguardava na esquina, disposto a vingar-se da humilhação que passou num jogo de botão. Um dia antes, como era de praxe, o Flamenguinho de Marinho havia ganhado do Grêmio de Dedinho, só que daquela vez tinha sido uma surra humilhante. Foi uma derrota tão feia que a torcida, formada por nós, não se conteve e chegou a duvidar mesmo das qualidades meso-futebolísticas do Dedinho. Ele achou que o culpado por tão constrangedora situação era o Marinho e, no outro dia, armou-se de canivete e decidiu que tamanho acinte não passaria em branco.

Quando tocou a sirene, Pato saiu sozinho para casa. Na esquina, Dedinho o cercou, perguntando pelo irmão. Ao saber que Marinho estava em casa, para não perder a viagem, ameaçou:

— Pois então em vou acabar é com você mesmo, seu pivete!

O menino, menor que Dedinho, entrou em pânico, começou a chorar. Apareceram outros estudantes, houve um princípio de aglomeração, mas ninguém ousava encarar o Dedinho, que dizia para ninguém se me-

ter, que aquilo era coisa pessoal. Para a sorte do Pato, o Lopeu aproximava-se quando um gaiato resolveu fazer uma gracinha com o pobre diabo:

— Lopeu, cu de breu!

Foi o suficiente para o louco obrigar todo mundo a correr, inclusive o Dedinho, que no fundo era um covarde. Pernas pra que te quero, o Pato só parou quando fechou o portão atrás de si e entrou em casa. A partir daquele dia, quando soube do perigo que o seu irmãozinho havia passado, Marinho começou a achar que já era suficientemente grande para dar uma lição no vizinho. Pois que Dedinho o aguardasse.



UMA FARRA



— **L**uís e Chiquinho: preparem-se que hoje vocês vão arranjar namoradas!

Meus dois irmãos mais velhos, Luís e Francisco, tinham idades próximas da do tio Rodolfo. Os três pareciam irmãos. Foi ele quem os encaminhou aos bailes das tardes na Associação Atlética e no Cotinguiba: bastava pegar a avenida Augusto Maynard e rumar em frente, no caso do Cotinguiba, ou entrar à esquerda, na Rua Vila Cristina, para se chegar à Atlética. Eram as famosas soirées, tocadas por bandas consideradas espetaculares na época em Aracaju, para a admiração de garotos em férias e que mal haviam saído da puberdade.

Mais do que revolucionário, tio Rodolfo era um galanteador e fazia absoluta questão que os sobrinhos seguissem seus passos. Nessas ocasiões, quando encontrava com as colegas do Atheneu, gostava que os meninos vissem como elas o tratavam — Rodolfinho pra lá, Rodolfinho pra cá — e ele, muito concho, senho

franzido, tal qual um Elvis Presley prematuro e tropical. Pontuando a favor, havia o fato de que era um líder estudantil, mas, acima disso, o que fazia a diferença mesmo estava no que lia. Era a garantia de possuir um conhecimento básico de política, de economia, de sociologia, da alta sociedade e da vida mundana, enfim, que o permitia discutir qualquer assunto, passando a impressão de que estava sempre com a razão. Um pouco alto, magro como a maioria das mulheres prefere, tio Rodolfo fazia o maior sucesso e meus irmãos puderam constatar que ele não estava brincando quando propalava suas qualidades.

— Meninos, estão vendo aquelas três ali: já beijei todas — vangloriava-se.

Esse chauvinismo dele era contagiante, principalmente porque, se repetia a fórmula reinante na época, fugia um pouco ao lugar-comum, já que havia muito de verdadeiro, não era só bazófia.

— Vocês devem tratar as garotas como amigas, como seres iguais a nós. Não as tratem como mocinhas burras, que elas não gostam — ensinava o nosso Dom Juan.

E aquilo foi bom para Luís e Francisco, posteriormente para Marquinhos também, que era o mais tímido, e, depois, até para mim. Todos aprendemos muito com o tio Rodolfo, que se transformou num grande amigo e um bom companheiro. Só que um dia meu pai se danou com ele.

Tio Rodolfo era de poucos vícios, mas era liberal demais — e ele detestava ser chamado de liberal! — para censurar alguém.

Pois num baile do Cotinguiba, envolvido em debates político-sexuais, descuidou-se de Luís e Chiquinho, que fizeram uma prematura e malsucedida incursão ao mundo etílico. Influenciados pela turma do Atheneu, hipnotizados pelas belas que compunham a flor do socialismo secundarista aracajuano, meus irmãos perderam a conta das cubas-libres que entornaram e só conseguiram chegar em casa porque o tio apelou para sua influência junto ao grêmio estudantil, que lhe garantiu a companhia de três colegas.

Os sobrinhos do tio Rodolfo vomitaram as tripas antes mesmo de chegar à Praça Tobias Barreto. Eduardo os aguardou até depois das 11 horas da noite, quando enfim chegaram.

— Isso são horas? Você está pensando o quê: não tem pai e acha que meus filhos também podem viver nesse liberalismo todo? Pois saiba que por conta da sua irresponsabilidade não saem mais com você! — disse meu pai, que era lacônico, detestava bate-boca e jamais aplicara castigos físicos aos filhos, mas, assim mesmo, arrependia-se quando achava que cometeu um destempero verbal. Em vão, porque tio Rodolfo nem se importava. Ouviu, achou que o irmão tinha razão, mas foi dormir sem o menor remorso. Guardar mágoa não era com ele.



DEDINHO SURRADO



Os ânimos estavam exaltados naquelas minhas quartas férias consecutivas em Aracaju, porque se realizou um torneio de futebol de zonas e a nossa turma acabou disputando a final com o pessoal do bairro Suíça, que era tido como barra pesada. A “Suíça braba”, como dizíamos. Mas nós tínhamos vantagem de jogar a final em casa, digo, na nossa rua. O jogo era disputado na piçarra mesmo, todos descalços, e ninguém se importava com as bolhas, calos de sangue ou tampos arrancados dos pés. A peleja era muito séria para se pensar nessas bobagens.

O torneio nem terminou porque o jogo transformou-se numa guerra. Mas a nossa turma venceu, botando os inimigos para correr debaixo de uma chuva de paus e pedras. O mínimo que aconteceu no final foi a troca mútua de mamonas, atiradas de baleadeiras, após uma entrada duríssima de Negaça, que era um jogador deles, sobre o nosso Jegue. Negaça era um meni-

no grande, quase um metro e oitenta naquela fase, que tinha boa índole e era honesto o suficiente para fazer questão, naturalmente, de defender sua turma. Mas foi obrigado a correr também.

Maurício Dedinho gostava de Negaça e naquele dia resolveu tomar as dores do rapaz. Sua intenção, na verdade, era irritar Marinho. E conseguiu. Usando do seu principal argumento, a parrança, partiu para cima do meu amigo, acusando-o de ser o causador da confusão — logo ele, que adorava uma briga. Mas, dessa vez, com o sangue ainda quente, Marinho não se intimidou. Deu um passo à frente, estufou o peito e bradou:

— Vai querer apanhar também?

Foi o bastante para Dedinho mudar o discurso, dizer que não era bem assim, que ele não queria confusão, mas que a turma deveria repensar suas atitudes, evitar animosidades... E falou outras bobagens, trololós que a maioria a princípio não conseguiu entender direito. O fato é que, com 15 anos, Marinho já era um moleque mais alto e taludo do que o Dedinho, apesar dos 16 anos deste, e tinha acabado de perder o medo. Foi o suficiente para meu amigo conquistar definitivamente o respeito de toda a turma. Naquelas férias, eu estava com 13 anos, e tive minha primeira experiência sexual. E a primeira a gente não esquece.





NEIDE



Havia um guri chamado Tatau, do qual não falei ainda: era uns dois ou três anos mais novo do que nós e o pai dele era juiz de Direito. Naquela época, o meritíssimo estava lotado numa comarca do interior, acho que em Lagarto, portanto viajava muito, e a esposa era funcionária do Judiciário na capital, trabalhava o dia todo. Marinho conhecia Tatau desde que ele era pequeninho, eram quase vizinhos, os pais de ambos mais do que se conheciam, eram parceiros de pescarias e outras aventuras. Havia uma clara cumplicidade entre as famílias, o que permitia ao meu amigo acesso irrestrito à casa daquele garoto de quem eu me aproximava agora.

— Marinho, vamos jogar botão — convidava Tatau, explicando que possuía um campo novo, tamanho grande, bem encerado, perfeito para uma boa disputa. Meu amigo ia e me levava junto.

— Venha conhecer minha coleção de selos — insistia o guri. Marinho ia e me levava.

Tatau ficava em casa somente com a empregada doméstica, uma mulher para lá de balzaquiana, uns 20 anos mais velha do que a gente, muito atenciosa, simpática até, e que não se furtava a exhibir um par de bem torneadas coxas, quase completamente à mostra por conta dos vestidos curtíssimos que usava dentro de casa. Percebiam-se algumas insinuações de varizes, mas, naquela primeira quadra da vida, quem se importava? O mundo se reinventava, o Brasil experimentava a beleza das mulheres de minissaias, e mesmo numa cidade pequena do Nordeste elas não perderiam a oportunidade de exhibir as pernocas.

Neide era o nome dela. Durante muitas tardes repetiu-se a mesma cena: nós ali, sentados, o campo de futebol de mesa estendido sobre o chão da sala, e ela passando para lá e para cá, indo e vindo, mostrando as grossas pernas e se insinuando. Nós éramos meninos, mas não bobos, já começávamos a perder a inocência e até Tatau percebia a proposital sem-vergonhice de Neide. Aliás, foi ele, talvez mais esperto do que imaginávamos, quem quebrou o gelo e nos deixou mais excitados:

— Neide pegou no meu pau. Ela disse que um dia vai me dar, mas que ainda é pequeno para ela... e que Marinho é que deve ter um pinto já grandinho.

Marinho ruborizou, ficou meio sem graça, desconversou, falou algo sobre o seu time de botão, mas logo começou a se interessar pelos detalhes:

— E como foi que ela fez? O que foi que ela disse?

Só de imaginar o que poderia acontecer entre nós e a empregada do juiz já me deixava tão ansioso e receoso que eu nem conseguia dormir direito.

“E agora, o que a gente faz numa hora dessas?”

Mas nem foi necessário elaborar uma estratégia de conquista, porque a já rodada Neide procurou estabelecer uma relação sempre mais próxima, criando uma afinidade tranquilizadora, nos conquistando. Mulher experiente, fogosa e, por certo, louca por garotos na puberdade, logo já estava sentada no chão, com as pernas cruzadas, exibindo discretamente as calçolas. E nós três ali, fingindo jogar botão e sem tirar os olhos, mas sem nenhuma coragem de avançar e tentar afagar aquele tufo de pêlos que, imaginávamos, se insinuava sob a renda. Ah, sofrimento terrível!

Mais alguns dias e a angústia se dissipou — por iniciativa de Neide, é claro! Uma tarde, estávamos lá completamente desconcentrados nos botões, quando ela gritou, nos chamando lá no quarto dela, nos fundos da casa. Nem é preciso dizer que acudimos correndo e, quando abrimos a porta, nos deparamos com um quadro que jamais me esquecerei. A safadona da Neide deitada sobre a cama, o vestido de florzinhas levantado quase até a altura dos quadris, de pernas entreabertas, sem nada para lhe ocultar o sexo, aquilo tudo com o qual já estávamos sonhando à mostra.

— Vão entrar ou ficar aí só olhando? — provocou, sem a menor cerimônia.



VINICIUS



Aos 13 anos, tendo vencido Daniel Defoe e Júlio Verne, já iniciado em Cervantes, começava a me aventurar na magia da poesia, aprendendo a me deleitar com sua sonoridade e regras rítmicas. Superadas as primeiras aventuras literárias, ao mesmo tempo em que buscava compreender a ingênua sede de justiça do cavaleiro da triste figura, agora eu lia os sonetos com toque refinado de erotismo de Vinicius de Moraes, para desgosto do meu pai, que gostaria de me ver debruçado sobre “leitura mais instrutiva” — e, principalmente, do tio Gothardo, que o achava pernicioso e subversivo demais até para o seu gosto.

— Embora ele seja melhor poeta do que músico e compositor — ponderava meu pai, como se aquilo fosse uma reconsideração da sua crítica, mas que não me fazia em nada concordar com aquela opinião.

Li e reli a antologia poética lançada pela Livraria José Olympio Editora em 1967, da qual guardei o *Soneto*

de Devoção, que me traz uma doce recordação daquelas férias: “Essa mulher é um mundo! — uma cadela/ Talvez... — mas na moldura de uma cama/ Nunca mulher nenhuma foi tão bela!”

Influenciado pelo poetinha comecei a escrever alguns poemas, versos sofríveis, mas que se revelaram de grande utilidade na conquista da primeira namorada, lá mesmo em Aracaju, naquelas férias de meados dos anos 70.





PISA NO FREIO



No mesmo ano, Marinho teria outras aventuras excitantes, mas também dolorosas. Seu Correia gostava de caçar, cultivava o hobby de sair com sua turma para matar uns bichinhos pelo interior de Sergipe e da Bahia. Caçava animais que andam pelo chão ou que se escondiam em buracos, como cotias, pacas e tatus, e atirava nas perdizes e codornas em pleno voo. Naquele tempo, do mesmo modo que essas coisas de bullying e politicamente correto não existiam nas relações juvenis, a consciência ecológica era quase nenhuma, ninguém falava em preservação e muito menos se policiava para evitar a mortandade que acabou se confirmando. Acho que os bichos era mais abundantes.

Seu Correia possuía cães especialistas em cada tipo de caça. Havia farejadores de pacas, os paqueiros, que eram uns vira-latas da pior espécie, ninguém dava nada por eles, mas que eram treinados para seguir as trilhas daquele delicioso mamífero roedor. Havia os

perdigueiros, esses cães belos, porte aristocrático, preparados para descobrir onde se escondiam as aves e fazê-las levantarem para o voo mortal. A pontaria das espingardas de chumbo quase sempre não errava. Os perdigueiros corriam, um deles apanhava a ave abatida e a trazia à boca até o dono.

Marinho ganhou do pai uma espingarda calibre 32, dois canos paralelos, uma Victor Sarrasqueta espanhola — como vou esquecer se era espanhola? —, automática, antiga, bonita arma, feita de encomenda, com gravação de nome na régua do cano, desenhos de riscos finos entrelaçados na caixa da culatra, cheia de detalhes artesanais. Foi convidado a inaugurá-la numa caçada de pacas que fariam na região do rio Fundo, entre os municípios de Itaporanga D’Ajuda e Estância, a uns cinquenta quilômetros de Aracaju. É claro que meu amigo não matou nada, apesar de ter atirado numa paca que foi espantada pelos cães e correu exatamente em direção à trilha onde ele fazia a tocaia. Errou o alvo, para a sorte do pobre mamífero, que se refugiou dentro do rio. A paca é uma exímia mergulhadora.

Mas o melhor da aventura aconteceu antes de chegarem ao local da caçada. Seu Correia era um homem sereno, senho franzido, muito correto com dona Luzia, mas seus amigos caçadores, que não prestavam, jamais perdiam uma oportunidade de aprontar sempre que estavam longe de suas mulheres. E, contrariando seu Correia, daquela vez pararam num prostíbulo de

beira de estrada, que ficava muito próximo do acesso à cidade histórica de São Cristóvão, o popular “Pisa no freio”. A desculpa era tomar uma cervejinha para refrescar, bater uma sinuca e pronto.

Marinho, reservado como caberia a um garoto inexperienced, caçador de primeira viagem, estava sozinho, numa mesa ao lado, bebendo refrigerante e comendo pastel, quando se aproximou uma moçoila, magrelinha, feição de menina, não tinha mais que 18 anos. A jovem prostituta viu no mancebo ótima oportunidade de faturar o dinheirinho do dia, já que os homens, em respeito ao amigo Correia, não estavam muito interessados. Tonhão, um dos camaradas do pai de Marinho, talvez o mais atirado de todos, chamou o garoto a um canto e cochichou:

— Ela está a fim de você. Se ela lhe convidar para ir ao quarto, aproveite! Fique tranquilo que eu resolvo tudo.

Marinho permaneceu meio sem jeito, mas confirmou suas desconfianças e ganhou ânimo. Não sabia ele que Tonhão já havia combinado com a mocinha para ser a protagonista da aula inaugural do menino. Sim, porque todos ali pensavam, naturalmente, que meu amigo não conhecia outra mulher, porquanto ninguém sabia da existência de Neide — ainda.

— Já que você não está fazendo nada mesmo e ficou aí, sozinho, vamos conversar no meu quarto. Eu tenho uma coisinha para lhe mostrar — disse a jovem, levando-o pela mão.

Quando seu Correia percebeu, já era tarde.

Marinho foi caçar todo feliz da vida, sendo glorificado pelos amigos do seu pai como um verdadeiro homem, “que não correu do pau”, segundo o atirado Tonhão, provocador, querendo saber dos detalhes.

— Demorou por quê? — perguntou o caçador — Foi tão bom assim, é?

— Antes, ela ficou lá, deitada, fazendo coquetel — respondeu Marinho, para espanto dos adultos, que por um minuto ficaram calados, se entreolharam, talvez com vergonha de perguntar ao jovem amante que diabo de “coquetel” era aquele.

Seria algo novo nos mistérios da alcova e que eles, já ultrapassados, não conheciam ainda? Tonhão não se conteve:

— E que diabo é coquetel, menino?

— Coquetel, palavras cruzadas! — respondeu Marinho, também completamente sem graça, desconfiado de que seria motivo de galhofa. Gargalhada geral. Seu Correia só ouvia, achando graça calado.

Dois dias depois, ainda no meio do mato, quando acordou para arrumar as tralhas e voltar para casa, no primeiro jato de urina Marinho sentiu um forte ardor na uretra. No caminho de casa, ao tentar urinar outra vez, percebeu que saía um líquido viscoso, amarelado e malcheiroso. Havia contraído uma dolorosa blenorragia com a putinha da beira de estrada.

Seu Correia, que a despeito de não ser nenhum putanheiro era um experimentado conhecedor dos ata-

lhós da vida, assim que triscou os pés em Aracaju dirigiu-se a uma farmácia na Rua Bahia, no Aribé, um bairro classe média baixa e de vida própria, o maior da capital sergipana. O farmacêutico amigo prescreveu alguns comprimidos de Tetraciclina e poucos dias depois Marinho já estava livre da doença. Mas sua primeira e gloriosa gonorréia, aos 15 anos de idade, passou a ser motivo de orgulho por muitos anos da sua vida.



UMA ORGÁSTICA



Neide sentia prazer só de tocarmos nela. Quando entramos, fechamos a porta e ela pegou a mão de cada um de nós, um por vez, levando até aquele tufo de pêlos enormes que tinha entre as pernas, percebi o quanto ela estava úmida. Eu nem sabia como lidar com aquilo molhadinho, que posteriormente descobri tratar-se de uma qualidade, porque ainda não havia descoberto o quanto era bom. Mas era o fruto de um furacão, uma mulher que sentia prazeres múltiplos.

Respeitada a ordem de idade, o primeiro foi Marinho, que nem baixou o calção completamente. Essa mulher gemia feito uma louca. Meu amigo, claro, sentiu prazer logo. Eu, então, mal rocei aquelas coxas já lambuzadas e me despejei, enchendo-a ainda mais de sêmen. Foi uma sensação sublime, quase indescritível: penetrar naquele rasgo tão quente, tão aconchegante, não era apertado, mas justo o suficiente para sentir que me sugava para dentro dele. E Neide foi tão carinhosa,

me abraçou com tanta força, me beijou como se beija um filho, apertou suas pernas sobre meus quadris, me empurrando mais para cima dela. Naquele minuto parecia que estava ali há uma eternidade, grudado feito craca sobre uma velha concha.

Saí, meio sem saber o que fazer e para onde dirigir o olhar. Ficamos aguardando a vez de Tatau, que, coitadinho, acabou sendo rejeitado por Neide, não sem o consolar com a promessa de um dia, quando fosse mais crescidinho, fazer com ele também. Talvez tivesse feito aquilo em respeito aos patrões, afinal era filho deles e, pobrezinho, imberbe ainda, tinha um membro realmente muito pequeno para vasculhar aqueles mistérios da bondosa Neide.

Mas isso não impediu de Tatau nos convidar sempre que estava em casa sozinho com ela, talvez na esperança de que sua vez chegasse. E a rotina acabou despertando a desconfiança dos pais de Tatau. Acabaram descobrindo o que pensávamos ser o segredo da felicidade.

Mas até passarmos por esse vexame, Neide continuou receptiva e maravilhosa como da primeira vez.

HISTÓRIA VERDADEIRA



À noite, enquanto podíamos estar na rua ainda, ficávamos reunidos em uma das casas contando histórias mentirosas e fantasmagóricas. Cada um buscava na imaginação aquela que fosse mais estapafúrdia. Falava-se de lobisomem, de vampiro, alguém contou a história de uma certa mulher de branco que atraía os motoristas para a morte. Marinho lembrou-se, então, de algo verdadeiro, que poucos anos antes havia acontecido à sua família. A história de um tio que morreu num acidente de caminhão no sul da Bahia. Era tio por afinidade, já que casado com uma tia, irmã de dona Luzia.

— Dois dias depois da morte de tio Damião, tia Laura estava inconformada e vivia dopada, porque sua intenção era se matar — iniciou Marinho, espertamente criando clima de expectativa entre os ouvintes. — Meu tio morreu a caminho de casa, na pressa de rever Dinho, meu primo, que era recém-nascido, único filho do casal. Eles eram casados há muitos anos e foi

difícil conseguirem um filho, custou muitas visitas ao ginecologista e ao urologista, esses médicos que cuidam de mulher e de homem. A carreta, carregada de madeiras do Paraná, tombou sozinha mais ou menos antes de Itabuna.

A meninada ouvia atentamente a história narrada em detalhes por Marinho, que prosseguia:

— Já era noite quando tio Damião fez uma rápida parada num restaurante dormitório de beira de estrada, próximo a Itamaraju, uma cidadezinha cortada pela BR-101. Uma mulher conhecida, acho que dona do restaurante, ainda o alertou para os perigos da viagem àquela hora da noite, mas a saudade que meu tio sentia de Dinho e de tia Laura era mais forte que o medo de viajar no escuro, mesmo cansado e com sono. Queria estar em Aracaju logo cedo, para levar o filho e a mulher para um banho de mar na Atalaia. Ele era um homem branco, forte, sorridente, dedicou a vida a trabalhar, cuidar da família e fazer amigos. Viajava acompanhado de um motorista, Gonçalo, um negro também forte e amigo, de confiança. Naquela noite, meu tio decidiu que ele mesmo dirigiria até em casa.

— E por que ele não deixou o motorista dirigir? — questionou Pato.

— Calma, Pato! Deixe Marinho prosseguir — interrompeu Loteca.

— Porque, na pressa, ele confiava mais na sua experiência de muitos anos de estrada. Ainda naquele

frege-moscas, um homem, um desconhecido, pediu carona até Itabuna. Tio Damião permitiu que o homem viajasse e ainda deixou que ele viesse deitado no banco que fica na parte de trás da cabine. Depois de rodarem uns 200 quilômetros, nas proximidades de uma cidade chamada Camacã, numa curva acentuada e em declive, cercada de barrancos, a carreta tombou, virou. Passado o acidente, Gonçalo, a única testemunha da história, lembrava apenas que o homem que ia de carona perguntou se não tinha um travesseiro e que tio Damião se virou para lhe entregar uma almofada. Aí perdeu o controle do veículo e, num segundo, a carreta encavalou. Quer dizer, o cavalo girou até atingir um ângulo de 90 graus, o que pode acontecer quando apenas os freios dianteiros são acionados.

— E o homem que estava de carona, morreu também? — perguntou Jegue.

— Não. Até hoje ninguém sabe quem era e nem como escapou. Quando os primeiros socorros chegaram já não o encontraram. Gonçalo também não lembra de muita coisa após o acidente, nem sabe como aquele homem escapou ileso e desapareceu, porque ele próprio ficou muito ferido, perdeu um braço. Mas tio Damião ficou preso entre as ferragens e sob as toras de madeira, que destruíram a cabine. Ele agonizou até pouco antes do sol nascer.

Agora todos estavam mudos, ouvindo atentamente a história, que ganhava um tom cada vez mais dra-

mático na voz de Marinho. O silêncio foi interrompido num susto involuntário por dona Luzia, que informava sobre o adiantado da hora e mandava os meninos se recolherem. Todos lamentaram, Pato protestou, Marinho também, mas percebeu que a mãe tinha razão e se comprometeu a continuar no dia seguinte. E que ninguém faltasse, porque a história ia ficar mais interessante.

TRAGÉDIA NO MORRO



Falávamos de morte e, no dia seguinte, uma coincidência trágica aconteceu. Pela manhã, decidimos brincar nos morros. Eram dunas de areias alvas que havia por trás dos sítios, algumas grandes ainda, próximas à Suíça. Nos anos 70, assim como em Salvador, a cidade de Aracaju experimentava um bom crescimento, impulsionado pela presença da Petrobras. A estatal do petróleo se instalou em Sergipe no começo dos anos 60, uns dez anos depois de chegar à Bahia. Eu mesmo acompanhei um pouco a urbanização da Avenida Hermes Fontes, onde morava meu tio Gothardo. Cada vez que eu retornava de férias, percebia uma novidade, a avenida se estendendo mais em direção à zona sul, rasgando novas dunas e charcos, a rede de esgotos sendo colocada, o asfalto chegando mais tarde.

Nas dunas da Suíça, tratores e caminhões encostavam sempre e com mais frequência, para retirar a areia que seria utilizada na construção. A área plana que restava acabava

dando lugar a casas ou prédios, quase sempre pequenos blocos de apartamentos, de quatro, cinco andares. O movimento das máquinas atraía a atenção dos moleques, até porque as dunas ficavam mais limpas, mais branquinhas e mais íngremes, possibilitando novas brincadeiras, de es-corregar utilizando um pedaço de papelão, por exemplo.

Naquela manhã, não vimos, mas percebemos pelo súbito silêncio das máquinas e pela expressão apreensiva dos operários e das crianças que já se encontravam por lá que alguma coisa errada havia acontecido. Soubemos depois que um garoto da Suíça, um desconhecido para nós, havia sido soterrado numa das dunas. Após a enchedeira retirar bastante areia da base de um morro, ele, afoito, enfiou-se no buraco que se havia formado. Com o peso de um colega que brincava sobre a duna, toneladas de areia desabaram por cima dele. Não vimos nem quando o retiraram, mas soubemos que ficou soterrado por longos minutos, tempo suficiente para sufocá-lo. O menino, de uns dez anos, já estava morto quando foi desenterrado. Ficamos ali, ao lado do pessoal da Suíça, nossos tradicionais adversários, num gesto de inconsciente solidariedade.

A brincadeira acabou antes de começar e pelo resto da manhã e toda a tarde ninguém conseguiu fazer mais nada. Eu me perguntava e, tenho certeza, cada um de nós também se indagava: podia ter sido comigo? Alguns dias depois, soubemos: o IML constatou que o pulmão dele estava cheio de areia. Aquilo solidificou o nosso medo de brincar nas dunas onde havia tratores escavando.



O AMOR SOBREVIVE À MORTE

À noite, mais cedo que na véspera, apesar da tragédia da manhã e da tristeza que se abateu sobre todos, estávamos na varanda da casa de dona Luzia, sentados no chão, num improvisado semi-círculo. Bode, certamente assustado, tentou desdenhar da história, dizendo que era invenção de Marinho para provocar medo, mas foi prontamente repreendido por Loteca, que estava com os olhos enormes, atento ao que o amigo recomençava a contar, retomando o fio da narrativa:

— Naquela época, tia Laura já morava com minha avó Candoca, mãe de minha mãe — retomou Marinho. — Porque o marido viaja muito e o filho, Dinho, era recém-nascido. Minha avó ajudava a cuidar dele. Na noite do acidente, tia Laura acordou assustada. Minha avó dormia no outro quarto e correu para acudir aos gritos da filha. Ela contou que teve um pesadelo, sobre um acidente com tio Damião. Minha avó foi buscar um pouco d'água na cozinha e a tranquilizou, dizendo que

certamente ela não tinha rezado naquela noite, antes de se deitar, por isso teve sonho ruim

— Puxa, sua tia pressentiu o acidente? — interrompeu Loteca, não contendo a curiosidade.

— Pressentiu, não. Ela deve ter recebido uma mensagem, sei lá como, exatamente no momento que o caminhão virou. Uma hora depois, mais ou menos, o telefone tocou, era o irmão de tio Damião, seu Armando, dizendo que tinha acontecido um acidente próximo a Itabuna e que havia um morto, mas ele não sabia se era o irmão ou o motorista. Quando ele disse que iria até o local do acidente, minha tia nem se vestiu: botou um robe por cima da camisola e disse que também ia. Seu Armando tinha um Opala cupê novo e percorreu a estrada até Itabuna acho que em metade do tempo normal da viagem. Chegando lá, o resto de esperança que minha tia levava se desfez quando ela reconheceu o corpo do marido estendido na pedra fria do necrotério do hospital, já todo costurado.

— Sua tia é forte! — eu deixei escapar, reconhecendo que, nessas horas, as pessoas tendem a encarar as situações mais perigosas e mais constrangedoras.

— Mas não suportou tanta dor — consertou Marinho — e desmaiou várias vezes. Ela queria saber de tudo e cada vez que descobria um novo detalhe sobre a morte do marido, seja porque alguém contava, seja porque ela mesma via as marcas do sofrimento porque ele passou, voltava a desmaiar. Ela percebeu, por

exemplo, que um lado do rosto dele estava desfigurado, como se tivesse sofrido uma queimadura. Soube depois que tinha sido a ação do ácido sulfúrico da bateria do caminhão, que pingava exatamente sobre o rosto de tio Damião, enquanto ele, imobilizado, se debatia preso às ferragens. Segundo um patrulheiro, pelas marcas de suas mãos na terra, ele permaneceu vivo ainda algum tempo e talvez tenha ficado consciente por instantes. Deve ter sido uma dor terrível para minha tia, ver naquele estado o homem que ela amava tanto. Ela não conseguiu entender porque tinha que acontecer com ele, que era um cara bom, um marido apaixonado, um pai realizado. O sofrimento deve ter feito ela esquecer até do filho, porque, ali no hospital mesmo, tentou se matar pela primeira vez. Bebeu uma dose cavalgar de um remédio que achou num armário. Já teve que voltar para casa dopada.

— Pronto, vamos falar de uma coisa mais leve... — disse Bode, já impaciente.

— Estou acabando e agora é que vem a melhor parte — implorou Marinho, frio como um contista policial e prosseguindo com a história. — Dois dias depois do enterro, Zélia acordou cedo, aflita e, sem avisar nada aqui em casa, correu para a minha avó. Lá, ela chegou com cara de assustada, mas procurando não fazer alarde. Conseguiu despertá-la e foram até a cozinha, onde tia Laura não pudesse ouvir. Ela contou, então, que tivera um sonho, que achava que fosse um

aviso. Disse que não acreditava em espiritismo, ou em macumba, mas o sonho era muito real: “Seu Damião veio para me dizer que há uma corda no guarda-roupa de dona Laura e que a senhora deve tirá-la de lá porque senão, hoje mesmo, ela vai tentar se matar”. Minha avó ficou impressionada, mas não muito crédula. Considerou a história absurda, mas, sabendo que Zélia não era de gabolices, dirigiu-se até o quarto da filha, antes que ela acordasse, procurou a chave do guarda-roupa e, quando o abriu, avistou lá dentro uma rede com uma corda, num tamanho exato para alguém que pudesse tentar se matar. “Não sei como você soube que havia esta corda no guarda-roupa de Laura, mas só pode ser coisa de Deus”, disse minha avó, que é muito religiosa. O que nós pensamos é que tio Damião não queria ainda a companhia da sua esposa e preferia que ela ficasse cuidando do filho deles. Por isso teria vindo em sonho para salvá-la.

Naquela noite, não só os menores encontraram dificuldade para dormir. Foi um dia tenso demais para conseguirmos relaxar. Depois daquele acidente horrível com o garoto nas dunas, essa história tão verídica contada por Marinho. Era como se tivesse acontecido algo com alguém bem próximo de mim.

PERA, UVA OU MAÇÃ



— **M**osquito, é você. Pera, uva ou maçã? Eu tinha 14 anos, já havia transado e não sabia beijar. Na primeira vez, a decepção me causou um prejuízo amoroso que me deixou traumatizado. Estávamos nas férias do ano seguinte e brincávamos de pera, uva ou maçã. Era uma brincadeira boba, meninos e meninas colocados frente à frente, uma pessoa de cada lado sorteada alternadamente. Esta tinha os olhos vendados e uma garrafa era girada no chão até que apontasse para o lado do sexo oposto a ela.

Se um menino estivesse com a venda nos olhos, a garrafa deveria apontar para uma das meninas e ele teria que dizer, sem a ver, sem saber quem era ela, qual das frutas gostaria: a pera significava um respeitoso aperto de mão; a uva significava um carinhoso abraço; e a desejada maçã, um beijo — que poderia ser na boca, se a outra parte assim consentisse.

Havia uma menina, ainda lembro do nome, Karina, que gostaria de me beijar e eu estava louco para beijá-la também. Brincávamos no pátio da casa dela. Estava tenso, tremia o corpo todo, aquilo me dava pânico, porque eu não sabia se conseguiria e, mais importante, eu temia que não soubesse beijar. E, de fato, não sabia. Para minha sorte, ou meu azar, quando fui vendado, a garrafa voltou-se para ela após dar algumas voltas em torno de si, e eu arrisquei tudo: maçã! Desvendei os olhos rapidamente e, surpresa: Karina!

Já desconfiada das nossas intenções, a turma gritava em coro: beija, beija, beija! Caminhamos apressadamente um em direção ao outro e... Decepção. Bati dolorosamente meus dentes contra os dela, mal tocando nossos lábios. Senti apenas uma sensação desagradável, e dolorida, imaginando que ela deva ter sentido bem mais do que isso, pois eu, demonstrando tristeza, não deixei de observar seu rosto, que não escondia um quê de desapontamento e esnobação. Eu quase chorei, embora permanecesse na brincadeira, tentando demonstrar ser forte, querendo passar para todos que nada havia acontecido. Mas o pior viria depois.

Duas rodadas após esse infeliz incidente, foi a vez de Karina ter os olhos vendados. Quando a garrafa parou de girar, apontou para Marinho. Ela não titubeou: maçã! Desvendou os olhos, gostou de quem viu, olhou de soslaio para mim e, serenamente, encaminhou-se

até o meu amigo: tascou-lhe um beijo de cinema, prontamente retribuído. Os dois beijaram-se de boca aberta, de língua, para a vergonha de alguns e o espanto geral. E para agravar a minha decepção também, que fiquei ali, morrendo de ciúme, embora não sentisse necessariamente raiva do meu amigo — ou pelo menos não desejasse isso.

Depois, como se fosse pouco, as meninas ficaram enlouquecidas de excitação, comentando aquilo e todas, sem exceção, passaram o resto do jogo desejando ser beijadas por Marinho também. Humilhação! Naquela noite, fui dormir destruído moralmente, sentindo-me o pior dos garotos: a menina a quem eu gostaria de ter como primeira namorada sentia prazer mesmo era em beijar outro — e este tinha que ser justamente o meu melhor amigo!

Rolei de um lado para o outro da cama, encobri a cabeça com o travesseiro e não conseguia apagar aquela imagem, um beijo tão real que liquidou minhas fantasias. Marinho sabia beijar, ele já era um homem, pensava assim, e eu apenas um moleque ingênuo, que deveria ser tratado como um garoto bonzinho, prestativo, divertido, mas que não servia para namorar. Chorei, chorei baixinho para meus irmãos não perceberem, mas lavei o travesseiro de lágrimas. No dia seguinte, aparentemente refeito, eu escrevi meu primeiro poema. Versos de amor doloridos, mas sem ressentimento, que eu batizei de “Maçã” e guardei:

Semblante suave
Sorriso enigmático
Um tipo europeu?
Nem deu adeus.
Olhar cronométrico
Desperta maçãs rosadas
Pele pálida, malícia.
Triste menina linda
Que me deixa ansioso
Desejando as maçãs
Por amadurecer ainda.

UM POEMA, UMA PAIXÃO



Da frustração eu rabisquei um poema e com esse poemeto eu conquistei minha primeira namorada, que, infelizmente, não era Karina. Ela tinha um nome ainda mais estranho, Eliete, era mineira, do interior de Minas Gerais eu acho. O pai era petroleiro e ela usava óculos de fundos de garrafa, uma daquelas meninas com quem apenas brincávamos, quando brincávamos. Era amiga das minhas primas e, um dia, eu estava na casa do tio Gothardo, concentrado, escrevendo umas bobagens, quando ela chegou e viu sobre a mesa aquele poema.

— Nossa, você escreveu isto? Que lindo! Não sabia que era poeta — disse, puxando um fio de conversa e uma cadeira, sentando-se ao lado. Fiquei meio emburrado, imaginando que uma pessoa provavelmente chata havia aparecido não sei de onde para estragar meu prazer solitário. Levantei a cabeça, molemente, e fitei o seu rosto, que sorria por inteiro para mim. Um sorriso

completo, franco, sem nenhum fingimento. Mirei bem nos olhos dela, buscando encontrá-los atrás daquele vidro grosso e embaçado, e reparei que eram bonitos. Miúdos, sim, mas bonitos, castanhos claros.

— Não sou um poeta. É só uma bobagem que escrevi, sem pretensão nenhuma — resmunguei, enquanto Eliete balançava a cabeça negativamente, como se não estivesse acreditando muito na minha modéstia. Ela sorria e exibia ainda mais sua boca tão bonita, aquela covinha que se formava no queixo quando sorria, os dentes alvos e quase alinhados, um conjunto emoldurado pelo rosto cheio de espinhas..., mas agradável.

— Tenho a impressão de que este poema se refere a alguém que eu conheço — disparou, repentinamente, deixando-me atordoado, ruborizado.

— Não é nada disso, eu... eu não o fiz pensando em ninguém. É só uma bobagem, como disse, nada demais — gaguejei, meio ríspido, arrancando-lhe o papel da mão. Eliete podia não ser a mais bela garota da turma, mas era dona de uma inteligência aguçada, era ágil no raciocínio, tinha memória de livraria, talvez porque adorava ler — até já devorava livros de adultos! E isso tudo a fazia ficar bonita.

— Desculpe, é que eu gosto muito de poesia e vejo que você leva jeito. Acabei de ler *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. Se você quiser, posso lhe emprestar — disse isso e se despediu, retirando-se do mesmo jeito como chegou.

— Ah, está bem. Depois eu vejo com você — despedi-me também, meio abobado. Eliete saiu e eu fiquei olhando aquela menina magra, com tranças de cada lado da cabeça, que abanava enquanto caminhava, dirigindo-se à luz que entrava pela porta. Uma luz matinal intensa, claridade de primavera nordestina, absorvendo lentamente Eliete, que rebojava e se sacudia. Antes de desaparecer, olhou para trás e acenou com um adeus, respondido com um rápido erguer de mão. “Que menina interessante”, pensei. Mas me censurei: “Não dá para ser sua namorada, não, Mosquitinho”.



ATALAIA NOVA



Que diferença entre Eliete e Claudinha, uma filha de pescadores que eu conheci na Atalaia Nova. Eliete não chegava nem perto de ser uma beldade, mas era intelectiva. Claudinha era uma gracinha, quase analfabeta e esperta. Sabia o que queria e gostava daquela vida levada no remanso. Possuía um corpo lindo, moreno dourado e, como não mencionar, uma sem-vergonhice sem pudor. A história é a seguinte: já era quase homem, 15 anos ou mais, quando tio Gothardo alugou uma casa de veraneio na Atalaia Nova. O que se pode achar de mais agradável numa praia, semidesértica, um povoado de pescadores, numa ilha à vista de Aracaju, bastando atravessar de barco. Um povoado num recanto idílico da Barra dos Coqueiros. Íamos de canoa, uma canoa grande, coberta, movida a motor de caminhão, que o aracajuano chama de tototó, uma onomatopéia referente ao barulho repetitivo que faz.

Naquelas férias, meu tio nos levou à Atalaia Nova e lá ficávamos numa casa localizada entre duas praças

grandes, na rua da delegacia de polícia: numa praça estava a igreja e, na outra, o campo de futebol. Era uma casa simples, avarandada, bastante arejada, bem diferente daquela de Caixa Prego, em Itaparica, onde havia mais conforto, mas o calor fazia o verão insuportável. Rua é uma maneira de dizer, porque na Atalaia Nova não havia ruas, mas caminhos e alamedas de areia ou grama, onde não se viam carros, mas carroças puxadas a pacientes burros e sossegados pangarés.

Foi amor à vista. Que lugar extraordinário, quanta gostosura podíamos fazer. Se em Aracaju, éramos completamente livres, na Atalaia Nova vivíamos soltos para passar praticamente o dia todo nos mangues e nas praias — porque, na verdade, existiam duas praias, a “da costa”, que era na parte oceânica da ilha, e a “da frente”, na parte fluvial, banhada pelo rio Sergipe, que ali, boca de barra, é de água salgada. Eu e meus irmãos fizemos muitos amigos, filhos de pescadores ou veranistas como nós, e com eles aprendemos a pescar com rede de arrasto, pesca fácil diante da fartura de peixes, siris ou camarões, a depender da maré. Até à noite pescávamos muito. O mais gostoso da pescaria era chegar em casa, torrar e comer na mesma noite o camarão quatro-barbas fresquinho, ou o verdadeiro, também conhecido como pistola, quando tínhamos mais sorte.

Foi numa pescaria noturna dessas que Claudinha caiu na minha rede. E eu fui fígado por aquele cheiro de maresia que ela emanava. Era mais velha do que eu,

16 ou 17 anos, e mais sabidinha também. Numa noite perfeita, pegamos muitos camarões, o cofo estava cheio, e nos pediram que o levássemos para casa, onde deveríamos deixar o já pescado e voltar correndo, a tempo de pegá-los tirando o próximo lance. Cofo é o mesmo que samburá para nós da Bahia. No caminho, passávamos por um beco meio escuro, entre cercas de arame farpado, atrás das quais ficavam mangueiras que começavam a dar as primeiras frutas maduras.

— Vamos tirar uma manga — sugeriu Claudinha. Sugestão prontamente atendida, já que eu estava de olho nas pernas daquela mestiça arruivada e olhos agateados. Pulamos a cerca e caímos sob uma mangueira, que foi imediatamente escalada por ela.

— Suba também para eu lhe passar as mangas que for pegando — disse, exibindo do alto aquele short minúsculo, bem colado, a papada da bunda à mostra, que eu tentava adivinhar na penumbra, sob o vestido rodado de algodão. Subi rapidamente, me aproximei até o ponto de conseguir receber as mangas que ela tiraria. Mas Claudinha mandou que eu subisse ainda um pouquinho e chegasse mais perto. Agora ela estava bem apoiada, recostada no tronco arqueado, enquanto os dois pés pisavam nos galhos meio afastados de uma bifurcação, as pernas entreabertas. Quando cheguei perto o suficiente para sentir sua respiração, Claudinha puxou-me até ficar entre suas coxas, me agarrou fortemente e me cheirou forte no cangote. Depois, logo

descobri, ela não vestia calcinha por baixo do short de laicra. Fizemos amor ali mesmo, trepados na mangueira, embalados pelo vento que sacudia a copa enorme da árvore carregada de frutos carnudos e doces.

ELIETE



Na Atalaia Nova, eu aprendi a fazer amor de verdade, na areia da praia, no rio, às vezes mais de uma vez ao dia. Não raro, a espera para rever Claudinha era de um ano inteiro, até que retornasse de férias. Virou vício. Em Aracaju, eu aprendi a beijar. Numa noite, já havíamos jantado, Eliete chegou à casa do meu tio, trazia um livro e disse que gostaria de falar comigo. Esperava-me na varanda. Não era Cecília Meireles, mas um poeta sobre o qual eu nunca tinha ouvido falar, Charles Baudelaire. Um papel de chocolate banal marcava uma página, onde ela abriu o livro e leu um trecho de poema. Chamava-se *O Bobo e a Vênus*, que eu achava não parecer em nada com um poema:

— “Aos pés de uma Vênus colossal, um desses bobos artificiais, um desses bufões voluntários encarregados de fazer rir os soberanos quando o Remorso ou o Tédio os atormenta, — envolvido num traje vistoso e ridículo, toucado de chifres e de guizos, ajoelhado ante

o pedestal, ergue os olhos cheios de lágrimas para a Deusa imorredoura.

E os olhos dizem: — ‘Eu sou o último e o mais solitário dos homens, privado de amor e de amizade, muito inferior, neste ponto, ao mais imperfeito dos animais. No entanto, eu também fui feito para compreender e sentir a Beleza imortal! Ah, Deusa! Tende piedade da minha tristeza e da minha loucura!’”

E Eliete, erguendo a cabeça, disse o último verso sem olhar para o livro, mas voltada para mim, como se tivesse decorado o final do poema só para isso:

— “E Vênus, a implacável, olha para longe, vagamente, com os seus olhos de mármore.”

Eu fiquei meio abobalhado, sem compreender direito aquilo.

— São os *Pequenos Poemas em Prosa*, de Charles Baudelaire, poeta francês do século XIX, autor de *As Flores do Mal*, sua obra-prima. É um poema sem metificação e rima que pode lhe parecer estranho, mas, como você vê, é muito bonito, tem ritmo e encanta. Aliás, na apresentação do livro, Aurélio Buarque de Holanda, que também fez a tradução, fala que esses poemas também são considerados obras-primas.

Eu a ouvia mudo, mais admirado com ela própria do que com o que me dizia. Prestava atenção nos seus lábios, que não paravam de mexer.

— Eu o trouxe para você. Leia-o e depois a gente conversa — disse, já se despedindo, não sem antes beijar-me no rosto. Ela entrou, cumprimentou rapidamente minhas primas, meus pais e meus tios e saiu correndo em direção ao portão, agitando-se como naquela manhã, sacudindo as duas tranças.

Naquela noite mesmo eu reli o poema *O Bobo e a Vênus* e imaginei ter compreendido o significado do que havia se passado pouco antes. “Bobo? Será que ela pensa que eu sou bobo? Pois ela vai ver!”, pensei, desligando o abajur e ajeitando-me para dormir, tentando apagar da minha cabeça aquela frase: “E Vênus, a implacável, olha para longe, vagamente, com os seus olhos de mármore.”





O BOBO BEIJA A VÊNUS



No dia seguinte, criei coragem para procurar Eliete e mostrá-la que de bobo eu não tinha nada. “Vou surpreendê-la com uma atitude tão inesperada que ela vai ficar sem poder de reação. Preciso pegá-la desarmada”, pensava comigo, já caminhando pelas ruas do bairro, buscando-a. Na busca, fui encontrando um a um os meus amigos, que me chamavam para alguma brincadeira ou travessura. Insistiam e eu escapava com uma desculpa qualquer. Até que eles começaram a achar estranho que eu estivesse rejeitando com tanto menosprezo as suas quase súplicas.

— Estou procurando uma pessoa, quero dizer, uma coisa. Mas depois eu digo a vocês o que é — eu mal disfarçava, fazendo aumentar a curiosidade de todos que, para meu desespero, me seguiam, agora insistindo para saber o que de tão importante eu procurava. Aquilo só me fazia mais impaciente. Mas nada de encontrar aquela menina esperta, que quase não me deixou dormir.

— Está bem, rapazes, vamos brincar. Depois continuo procurando — desisti, momentaneamente, até para não ter que explicar o que eu fazia.

— Mas, procurando o quê? — quis saber o curioso do Pato.

— Nada de importante. O que interessa agora é o que vamos fazer — cortei, já um pouco mais impaciente e logo indagando sobre o que estavam fazendo.

— Nós vamos soltar pipa. Quer dizer: primeiro vamos fazer as nossas pipas. Se você estiver interessado, estamos indo pegar os talos, que é só o que falta. Já temos o papel-seda e as linhas.

— E a cola?

— A goma a gente faz em casa, com maisena — explicou Marinho, o cabeça da expedição à procura dos tais talos de fazer pipa.

Aquilo me fez esquecer por um momento da Elie-te e a doce vingança que eu guardava para ela. “Aquela garota me paga. Me aguarde!” Nos dirigimos a um sítio onde havia muitos coqueiros e caçamos uma palha caída, de onde extraíamos os talos, isto é, os palitos maiores, que servem bem para a armação das pipas, porque são leves e de boa envergadura.

Com Marinho eu aprendi a fazer pipas espetaculares. O segredo da boa pipa, aquele objeto pentagonal tão plástico e ágil quando está no ar, reside mais na técnica de como construí-la do que no material utilizado, embora este também seja importante. Mas, por

exemplo, se o cabresto da pipa não for bem feito, ela não sobe. Não tem jeito. Da mesma forma, se a rabiola não possuir o tamanho certo, se for cumprida e pesada demais, a pipa pode não subir, ou, ao contrário, pode rodopiar se estiver pedindo rabo.

Os talos são três: um central e dois perpendiculares, sendo que o de baixo deve ser ligeiramente menor. Já o talo de cima precisa ser levemente arqueado e esse também é um segredo, vai garantir a forma aerodinâmica da pipa. Uma linha amarrada às duas extremidades desse talo maior faz a envergadura. Já o cabresto deve ser amarrado no encontro do talo central com o perpendicular principal e, na outra ponta, no final do próprio talo central. O cabresto deve ser frouxo o suficiente para que, no local onde ele receber a linha, chegue com exatidão às extremidades do talo perpendicular principal. Nem mais, nem menos. Tem que ficar igualzinho dos dois lados. Este é o segredo. No mais, é enfeitar a pipa como você quiser, com as cores que você quiser e até com franjinha feita do próprio papel-seda, se preferir.

Não soltei muita pipa, porque o período bom de empinar pipa é entre maio e julho, final do outono e começo do nosso inverno de pouca chuva e muito vento, e eu gozei poucas férias de meio de ano em Aracaju. Lembro-me, contudo, que nessa época havia uma disputa acirrada entre as pipas da própria rua ou aquelas de ruas ou bairros diferentes. Havia disputa para ver a

que subia mais alto, ficava mais tempo no ar e possuía mais joguinho, qual suportava as manobras mais arriscadas. E havia o jogo sujo, que invariavelmente incluía derrubar a outra pipa. Para isso valia encerer a linha com pó de vidro e até amarrar giletes na cauda. Quando a pipa era de um adversário da outra rua, valia também atirar um “balonguedongue”, uma gerigonça simples, mas de efeito devastador. Era uma arma mortífera para a pipa, formada por um cordão curto com duas pedras amarradas nas extremidades. Perfeita para se enrolar e cortar a linha que passava sobre nossas cabeças.

Quando alguma pipa caía, espontaneamente ou derrubada por uma rival, ouvia-se uma gritaria terrível:

— Comer linha! Comer linha!

Em português corrente, isso queria dizer que estava permitido tomar a linha da pipa que caiu, e até mesmo a pipa, dependendo da circunstância ou quem era o proprietário dela. Uma vez caindo, quando não ficavam presas à rede elétrica ou nos telhados, as pipas sempre se dirigiam para a Vila Militar ou o sítio de Seu João.

— Comer linha! Comer linha! — e lá ia a garotada subindo nos telhados ou nas árvores para tentar conquistar pelo menos alguns metros de linha e aumentar o comprimento do próprio carretel.

— Vai mosquito! Sobe no telhado que essa pipa é nossa — alguém gritou e eu acelerei feito um louco para trepar num muro e dali saltar para uma platibanda, depois me equilibrando sobre o algeroz de um telhado, sem

nem me dar conta do risco. Mas valeu a pena, por dois motivos. Primeiro: apanhei a pipa, peguei boa parte da linha e me tornei um dos mais importantes personagens da brincadeira daquele dia. Segundo e mais importante motivo: de cima do telhado, avistei a janela de outra casa onde havia uma menina. Era a Eliete. Ela também me avistou, demonstrou surpresa por me ver ali e acenou.

Desci rápido, entreguei a pipa recuperada ao Marinho e fui correndo encontrá-la.

— Você é louco! Está querendo se matar? — ela me perguntou quando cheguei à sua porta, ainda esbaforido.

— Não, eu estava procurando você. Aí subi naquele telhado e lhe encontrei — respondi assim, sem nem pensar, mas conseguindo aquilo que havia programado, que era surpreendê-la.

— Entre e venha conhecer nossos livros — ela respondeu, após ficar alguns segundos olhando espantada, puxando-me para dentro de sua casa. Chegando ao escritório, onde havia uma majestosa estante de madeira escura com muitos livros, Eliete fechou a porta por dentro e se aproximou de mim, fitando-me nos olhos. “Eu não posso falhar agora”, pensei. Puxei-a para mais perto e beijei-a na boca.

Não foi um beijo muito demorado, porque a sensação era muito estranha: meus lábios encostados naquela boca mole e molhada, com uma língua mexendo dentro ou se atirando para dentro da minha boca. O primeiro beijo é esquisito e duvido que alguém discorde disso. Mas

não é ruim, embora se torne mais gostoso depois, à noite na cama, quando você lembra da cena, das sensações. Aí o beijo começa a se tornar inesquecível e passa a ser registrado para sempre na gaveta dos arquivos afetivos.

— Já estava me chateando, achando que você não ia me beijar nunca. “Uma mulher irritada é como fonte agitada, turva, desagradável e sem encanto. E enquanto assim permanecer, ninguém haverá, por mais sedento ou alterado que esteja, que se digne acercar dela seus lábios ou beber uma só gota” — disse, recitando Shakespeare, depois viria a saber.

Que estranho tudo aquilo. Eliete declamando aquele trecho de *A Megera Domada* e eu ali, naquela biblioteca, boquiaberto mais uma vez, atônito com o beijo e admirando a sua inteligência rara. E prosseguiu com outra shakesperiana, antes de puxar-me para um beijo mais prolongado:

— “Não ensines aos lábios o desprezo, eles foram feitos para os beijos” — proferiu e agarrou-me com toda sua força.

Caramba!

Até o fim daquelas férias, eu troquei mais alguns beijos com Eliete, namoramos um pouco e chegamos até a nos corresponder quando voltei para Salvador. Mas ficou nisso. Foi um namorico de nada, quase sem nenhuma importância. A não ser por aquele primeiro e inesquecível beijo.



TIO RODOLFO NA BAHIA

Já no começo dos anos 70, tio Rodolfo residia conosco em Salvador, no casarão do Garcia. Havia decidido estudar teatro, direção teatral, e não encontrou dificuldade para ser aprovado no curso da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Além de gostar de arte, a escolha do curso se deu também por uma questão de comodidade, já que a escola ficava relativamente perto de casa, ali no Canela, e ele podia ir e vir caminhando, com a vantagem adicional de passar pelo Teatro Castro Alves, vez ou outra esticar até o Passeio Público, para assistir alguma coisa no Teatro Vila Velha. Estava tudo ali, à sua volta, a poucos passos de distância.

Quando ele chegou a Salvador, o teatro nordestino vivia um momento de efervescência e, na Bahia, isso significava uma transbordante alegria e agitação. Valorizavam-se os textos populares, os tipos regionais, embutindo-se aí, na medida do permitido, uma dramaturgia de exame dos problemas da classe média. Logo

nos primeiros meses de Salvador, tio Rodolfo encantou-se com a encenação, no Vila Velha, de *Teatro de Cordel*, de um autor relativamente conhecido na época, João Augusto Azevedo, sobre textos de literatura popular da região. No dia seguinte, à mesa, ele comentou pela primeira vez sobre a certeza de que escolhera o curso certo. Estava convencido: aquilo, sim, era o que queria fazer.

— Já havia lido muita coisa, de Shakespeare a Plínio Marcos, de Ibsen a Nélson de Araújo, e me inquietava com a possibilidade de trabalhar com teatro. Cheguei a ensaiar com um grupo do Atheneu, mas o teatro em Aracaju é muito incipiente, ainda, e não serve de parâmetro na hora de decidir sobre uma profissão. Isso me frustrava. Mas aqui, com toda essa tradição de dramaturgia, percebe-se, claramente, que há profissionalismo. Acho que escolhi o curso certo para fazer — contou, entusiasmado, para a alegria de todos que o ouviam atentamente, digo, eu, meus irmãos e minha mãe, porque meu pai limitou-se a passar-lhe, de relance, um olhar de desaprovação e um muxoxo com a boca. Para o pragmático Eduardo Dantas, o irmão mais novo deveria cursar Direito ou Medicina.

— Devia se formar numa profissão rentável, que garantisse o futuro, não viver de quimeras. Ninguém vive de sonhos — gostava de dizer nessa época, tentando dissuadir Rodolfo da ideia de ser diretor de teatro.

Meu pai também se preocupava com a saúde e a segurança de tio Rodolfo, que a cada dia, e a cada noi-

te, passava mais e mais tempo fora de casa. Estava entusiasmado com o curso, que ele descobriu ter sido o primeiro do gênero no Brasil, com os professores, com os colegas, estava eufórico com o mundo artístico que começava a frequentar e admirado até com o casarão da rua Araújo Pinho, onde funciona a Escola de Teatro.

— Vocês sabem que aquele antigo casarão, da década de 20, pertenceu à família de Dias Gomes? E que foi ali onde ele viveu até a adolescência? Isso mesmo, Dias Gomes, o grande autor de *O Pagador de Promessa*, vejam só, foi criado numa casa que se tornou a primeira escola de teatro do Brasil. Isso é que é sina! — contou, certa vez, cheio de júbilo, para o nosso maior deleite.

A turma do meu tio poderia ser considerada, como se dizia, barra pesada. A rapaziada apreciava as festinhas nas repúblicas, regadas a excessivas doses de cuba-libre. Mas a preferência já era pelo uísque, normalmente o popular Drury's — quando não podiam pagar pelo mais requintado Old Eight —, quase sempre seco, a caubói. Esta, aliás, foi uma mania que tio Rodolfo carregou para sempre, porque achava que bebidas geladas lhe faziam mal. Até cerveja, quando bebia, ele as preferia tirada diretamente do engradado, sem passar pela geladeira. Bastava sacudir a poeira e abrir.

Meu pai, como de hábito, não dormia enquanto tio Rodolfo estava fora de casa e muitas vezes o recebeu na madrugada, quase sempre embriagado, recendendo a álcool e cigarro.

Certa vez, num encontro casual na loja, um amigo professor universitário o alertou para as aventuras noturnas do irmão caçula. À boca miúda, meu pai soube que tio Rodolfo até já experimentara a “erva maldita”, pois foi visto saindo de uma festa com um grupo nada recomendável e para lá de suspeito de artistas plásticos sergipanos e baianos, que lotaram um Fusca, o Moto-radio a toda altura, tocando Chico Buarque e Caetano Veloso, descendo a Vitória em direção à Barra, a toda velocidade, movidos a um cigarro bem apertado de maconha, presente de um colega pernambucano.

— Como você sabe, Eduardo, essa turma de teatro é muito inteligente, gosta demais da liberdade e pode ser até perigosa, há muitos subversivos no meio. Tem até homossexuais! Fique de olho no seu irmão! — alertou o zeloso amigo, que, estranhamente, era professor da mesma Escola de Teatro.

Eduardo Mello Dantas ficou tão envergonhado, mas tão desapontado com o amigo, que jamais comentou sobre isso com o irmão. Um dia, tio Rodolfo me contaria sobre essa e outras experiências psicodélicas.







MINHA PRIMEIRA MORTE

Quando meus 18 anos se aproximavam, estava no melhor da forma física adulta e começava as últimas férias em Sergipe. Como já se tornara uma rotina nos últimos anos, tio Gothardo e tia Palmira nos convidaram para hóspedes na Atalaia Nova, onde eles agora possuíam casa própria. O bangalô ficava num local mais afastado do que aquela casa alugada para veraneio, ainda mais aconchegante e cercada de um verde de tranquilidade.

A casa estava no final de uma viela, num recanto cercado de sítios e à vista de poucos vizinhos. Rodeada de coqueiros, cajueiros e mangueiras, com uma fonte de água pura no quintal, era a casa perfeita no lugar ideal. Podia-se dormir na varanda, com as portas abertas, com as roupas estendidas nos varais ou nas cercas. Ninguém mexia em nada. Podíamos todos sair para passar a manhã na praia e deixarmos o que quiséssemos fora de casa que, ao voltarmos, estaria tudo lá, intocado.

Se aparecia alguém era para trazer uns peixes ou simplesmente para jogar alguma prosa fora. Às vezes, um velho nativo, que sacava um cigarro de palha e, pitando profundamente, o olhar perdido nas sombras do arvoredo, contava histórias impossíveis — como a do pescador que, numa madrugada, em alto mar, fисgou uma estátua do diabo e nunca mais teve sorte na vida. Soube que, alguns anos depois, quando a Atalaia Nova foi transformada em lugar da moda para veraneio, a civilização começou a chegar e a paz daqueles tempos foi-se embora. Uma entrando e a outra saindo. Mas essa é outra história.

O que importa é que eu estava muito bem, estava forte, tinha crescido o bastante para os novos conhecidos nem imaginarem o porquê do meu apelido, Mosquito. E estava feliz, com saudade de Claudinha, satisfeito com a presença dos meus velhos amigos Marinho e Pato, que naquele ano foram conosco à ilha. Eu mesmo pedi ao tio Gothardo que acolhesse os meus convidados. Ele, como eu esperava, nem pestanejou:

— A casa é enorme e eu conheço os meninos, sei que eles irão se comportar. Pode convidá-los — respondeu o tio, homem para quem mesquinhez era uma palavra que não existia no dicionário. — Mas tem uma condição: eles têm que acompanhar o seu ritmo e só podem chegar em casa quando trouxerem o que comer — disse, em tom de desafio e contagiante risada.

Seriam as férias perfeitas. Seriam... não fosse um acidente indiretamente provocado por Firmo, um ga-

roto que era primo de minhas primas, sobrinho de tia Palmira, que tinha vindo do interior, acho que de Aquidabã. Mal havia sido apresentado ao mar e pela primeira vez passava as férias na Atalaia Nova. E pela primeira vez, também, participava de uma pescaria de caranguejo. Quer dizer, nos assistia apanhar caranguejo.

Nos fundos do sítio do tio havia uma fazenda de coqueiros e, numa área contígua, existia um soberbo manguezal alimentado por um riacho salgado que cruzava larga extensão da Atalaia Nova. Os bosques de mangues eram altos e espessos, havia muita lama, ambiente propício ao caranguejo, que naquele período do ano, mês de dezembro, com a aproximação do tempo da andada, se encontravam bastante magros. Os profissionais que vivem do caranguejo têm uma sabedoria: nos meses que têm a letra R, os caranguejos estão magros; então, eles só estão gordos nos meses de maio a agosto. Ainda assim, era delicioso puxá-los de dentro do buraco e depois comê-los bem cozidos, com pirão, ao tempero que tia Palmira sabia preparar como ninguém.

Com meus amigos da Atalaia Nova, aprendi a tirar o caranguejo da toca, coisa da qual me orgulho até hoje, embora haja quem ainda duvide que eu era capaz e corajoso o suficiente para empreender tamanha aventura. Naquele manguezal, o trabalho era facilitado pelo terreno, uma lama bastante mole, que permitia penetrar o buraco do crustáceo com alguma facilidade. O mais difícil era imobilizar o bicho lá dentro e puxá-lo

para fora. Sem o ver e, com certeza, sem que ele visse o intruso que o fisgava lá dentro, era uma luta cega, na qual quase sempre prevalecia o mais forte. Depois de algumas unhas e mordidas bem doloridas, aprendemos como cercá-lo lá no fundo da toca, como conseguir a posição certa para pegá-lo, abafando-o por trás do casco, por onde ele deve ser puxado — e não pelas patas —, buscando fugir das poderosas pinças, as “bocas”, como se diz popularmente.

Fomos eu, meu irmão Marquinhos, Marinho e Pato, além do Firmo, o menino do interior. Alguns caranguejos já estavam ensacados, quando paramos à margem do riacho para nos lavar e nos refrescar. Não tínhamos levado água para beber, mas o mergulho na água fria, mesmo que salgada, ajudava a disfarçar a sede. Já nos preparávamos para sair quando meu irmão sugeriu que andássemos um pouco pela outra margem do rio, para vermos como estavam as tocas dos caranguejos daquele lado. Como não recusávamos nada, deixamos Pato e Firmo no riacho, onde deveriam ficar tomando conta do saco com os caranguejos, e partimos, os mais velhos. Não sem antes fazer algumas recomendações, preocupados com o perigo que o riacho apresentava logo ali, quando sofria a interferência de um afluente e ganhava maior profundidade.

— Não se afastem deste ponto, porque ali, no encontro dos dois riachos, fica mais fundo — eu mesmo disse, já conhecedor da geografia do lugar e da pouca intimidade de Firmo com a água.

Poucos minutos depois, quando já estávamos capturando outros caranguejos, ouvimos gritos abafados e de agonia. Corremos imediatamente até o riacho e encontramos Pato e Firmo na parte funda, um tentando segurar-se ao outro, ambos sem tomar pé, os dois quase se afogando. Eles se distraíram e, com a maré secando, o riacho correndo em direção ao rio Sergipe, a correnteza os arrastou até o perau. Se Pato estivesse sozinho, não haveria problema, porque mesmo sem a prática de nadar, ele não afundaria. Mas Firmo era uma pedra, não sabia nem nadar cachorrinho. E, coitado, se apavorou.

Eu, Marquinhos e Marinho mergulhamos imediatamente. Depois eu soube que eles dois retiraram os meninos sem dificuldade. Só não sei como me retiraram. Porque, para o meu azar, escorreguei na lama ao mergulhar e caí de mau jeito num local que não era suficientemente fundo, descendo como um parafuso e batendo a parte superior da cabeça sobre um banco de areia. Depois disso, lembro-me apenas de que tentava inutilmente subir para respirar. Não sentia dor, mas não conseguia me mover, sendo arrastado pela corrente suave do riacho, perdendo aos poucos o restante da reserva de oxigênio que possuía. Eu, que nunca tive muito fôlego, buscava ar para respirar onde jamais conseguiria encontrar. Tudo foi ficando escuro e a luz se apagou.





CONTADOR DE HISTÓRIAS

Contar essas histórias da minha infância e adolescência me faz viver mais um pouco. Foi a fase mais feliz da minha existência. Vivi intensamente tudo o que poderia ter vivido, mesmo quando através dos amigos e familiares. Em Salvador, em Aracaju ou na Atalaia Nova, fui moleque em tempo integral, sob todos os significados possíveis da palavra moleque, bons ou ruins, positivos, negativos ou pejorativos. Eu gozei todos eles e assim me realizei completamente, inteiramente — enquanto pude ser inteiro.

A felicidade plena interrompeu-se naquele mergulho, de onde só despertei quase uma hora depois. Ainda sujo de lama, já deitado sobre o banco de madeira de uma tototó, fretada à toda e que rumava à máxima velocidade para Aracaju, sacudindo e expulsando fumaça de óleo diesel e barulho por todos os seus buracos e fendas. Paramos no Iate Clube, que era o cais mais próximo, e fui levado, não me lembro bem

por quem, até o Hospital de Cirurgia, onde só então tive o pescoço imobilizado.

Do acidente no riacho até chegar à casa do meu tio na Atalaia Nova, dali até o barco e do Iate até o hospital, fui carregado da forma mais imprópria que um acidentado deve ser transportado: pegavam-me pelos braços e pelas pernas, às vezes no colo de algum adulto, a cabeça solta, balançando. É assim mesmo... quase ninguém se sente obrigado a saber dos procedimentos de primeiros socorros. Somente no hospital fui colocado sobre uma maca, devidamente imobilizado, um médico tentou me fazer algumas perguntas, procedeu a um exame clínico e me enviou à radiografia, para concluir o diagnóstico sobre o grau da lesão. Saindo daquela sala, acho que fui sedado. Apaguei de novo.

Acordei no Hospital Espanhol, na Barra, no dia seguinte, sendo preparado para ser submetido à primeira cirurgia para estabilizar as vértebras, colocando no lugar a vértebra que deslizou por causa do acidente. Da Atalaia Nova até a Barra, de Aracaju até Salvador, foi como se eu tivesse sido desligado do mundo. Minha vida anterior foi deletada e eu deveria começar tudo de novo, enfrentando toda sorte de dificuldades que agora se apresentavam. E essas dificuldades eram bastante físicas, estavam em mim, logo descobriria, porque só então se robusteceu o linho de desconfiança que trazia comigo: eu já não podia dispor do meu corpo.

Primeiro percebi o ambiente frio, estava num lugar estranho, onde se notavam, mesmo sem os ver, aparelhos esquisitos, além de um cheiro de éter e pessoas desconhecidas, vestidas de branco, entrando e saindo, movimentando-se pelo ambiente ou me apalpando, verificando o meu estado. Era o apartamento do hospital. Passaram-se mais alguns dias até que eu adquirisse consciência sobre o que tinha acontecido.

Quando finalmente saí daquele estado inicial de choque, descobri que, além de não poder me mover, eu necessitava da ajuda das pessoas para tudo, inclusive para permanecer vivo. Eu não queria aceitar que aquilo fosse definitivo. Dizia para mim e gritava para os outros ouvirem que eu não ia ficar naquela cama e naquelas condições para sempre, que era tudo passageiro e que eu queria sair para voltar a viver a minha vida.

Então, o neurocirurgião que me operou e que me acompanharia por muitos anos, doutor Juvenal Badaró, fechou-se no apartamento do hospital comigo, ficamos sós, sentou-se ao meu lado e me explicou detalhadamente tudo o que havia acontecido desde aquele bendito mergulho. Ele contou a história da minha vida, passada naquele flash de poucos dias, enquanto eu estive de férias dela.





UMA LESÃO MEDULAR



Contrariando minha mãe, que preferiria uma falsa prudência, doutor Badaró não me escondeu nada e contou-me que eu sofri uma grave lesão medular. Assim, de sopapo, sem rodeios. Por mecanismo indireto, provocada pela pancada forte na cabeça, sofri uma lesão na coluna vertebral, mais precisamente na sétima cervical, ou C7, como os médicos dizem, que se moveu até pressionar a medula. É uma vértebra que fica aqui, mais ou menos na base do pescoço, por isso eu não conseguia mexer muito mais do que a cabeça. O diagnóstico inicial é que estava tetraplégico, ou seja, com paralisia das pernas e dos braços, embora ele acreditasse que fosse possível reverter a tetraplegia. Mesmo remota, haveria possibilidade de progressão do meu estado para uma paraplegia, a paralisia dos membros inferiores, assim pensava o doutor Badaró.

— Você foi vítima de uma lesão medular, uma lesão muitas vezes causada por traumatismos. Alguns

traumatismos que mais atingem a medula espinhal são produzidos exatamente por mergulho em águas rasas. Você, José Agostinho, sofreu uma lesão medular. Seu estado é grave e você terá que se esforçar muito para buscar melhorar e tentar levar uma vida normal — disse, muito direto, muito cru até, mas honesto e buscando transmitir confiança.

— Quem é você? — gaguejei, arrumando o pensamento para compreender o que estava acontecendo, pesquisando na memória se eu conhecia quem era aquele fulano, de cabelos ralos e olheiras escondidas por trás dos óculos miúdos, vestido de jaleco branco, um estranho sozinho comigo trancado num quarto de paredes verdes e um quadro kitsch, reprodução barata de *A última ceia*. Quando ele me respondeu a esta primeira pergunta, eu larguei o meu primeiro desabafo, grosseiramente:

— Doutor, posso dizer uma coisa?

— Claro, o que você quiser.

— Por que você não vai à merda?

Sei que não fui muito cortês no primeiro encontro consciente com meu médico, mas não conseguiria ter outra reação. Parecia que estava vivendo um pesadelo e tentava fazer qualquer coisa brusca ou violenta para atingir logo o clímax do sonho e acordar. Mas as pessoas vinham, falavam comigo, pegavam em mim como se eu fosse um ser estranho, um boneco japonês que acabou de ser inventado. Eu sabia que elas estavam me apal-

pando, mas nem sempre as sentia e quase não conseguia mover os braços, muito menos as pernas, para responder àqueles impulsos, ou para friamente repudiá-las.

— Meu pai, minha mãe, eu quero sair daqui! — implorei, quase gritando, lágrimas salgando meu rosto. Estava pedindo, na verdade, que eles me salvassem, que me tirassem daquele estado, que me devolvessem a vida que eu possuía até poucos dias atrás. Que me levassem de volta à Atalaia Nova e me colocassem no meio da lama do manguezal, aonde eu estava com meu irmão e meus amigos, e onde, agora percebia claramente, eu era feliz. Lá, no meio da lama, eu era feliz.



UMA VERGONHA



Lembrei que um dia, eu e Claudinha fomos flagrados no ato. Fazer sexo com ela tinha virado obsessão, uma irresistível atração concomitante. Não podíamos nos ver que me dava uma vontade de lambar aquela pele tismada pelo sol, sabor de água do mar. Sentir o cheiro do cabelo desgrenhado, um cheirinho natural, de quem não usava xampu, mas limpo, naturalmente lavado. Agarrar aqueles braços e pernas dourados, apalpar a bunda dura de Claudinha. Ah, a bunda de Claudinha! Ela mexia com tanta firmeza e sincronia, caminhava e olhava de repente para trás, sorria tentadora, provocava o macho que despertava em mim.

Naquele dia, estávamos pescando milongo no mangue que havia na boca do riacho, no encontro com o rio. Estávamos nós, meus irmãos e os irmãos dela. Pegávamos milongo para iscar uma groseira. Milongo é isca de primeira, principalmente para ar-raia e outros peixes de couro. É um peixinho que se

esconde em pequenas poças do manguezal, quando a maré está seca, e tem a carne dura, o que significa dizer que não solta facilmente do anzol. E é gostoso. Frito, é iguaria fina para acompanhar um bem macegado cuscuz de milho.

Já a groseira não é nada mais do que uma corda de náilon fina com vários anzóis, intercalados por chumbadas, para que afundem, enquanto nas extremidades outras duas cordas terminam em bóias, que servem para marcar o ponto onde está armada. É colocada e retirada, do meio do rio ou do mar, com a ajuda de um barco. Com a groseira, pegávamos quase sempre bagres brancos e amarelos e muitas mututucas, às vezes arriscando fisgar uma arraia ou um peixe de escama, que tem a boca mais mole do que o peixe de couro e escapa mais fácil desse tipo de armadilha.

Tínhamos pego todos os milongos de que precisávamos quando Claudinha aproximou-se, usando o shortinho de sempre e o sutiã do biquini. Pronto, rapidamente esqueci a pescaria. Ficamos ali, conversado umas bobagens, enquanto iscávamos a groseira. Quando o serviço terminou e os meninos empurravam a canoa para dentro d'água, eu resolvi que não iria mais. Inventei que a canoa estava cheia e que ficaria olhando os nossos pertences na beira da praia.

— Estava com saudade de você — disse ela, aproximando-se de mim, sem nenhuma preocupação com os irmãos, que ainda estavam próximos.

— Mas já? Esqueceu do que fizemos ontem? — respondi, sem querer cortá-la completamente, mas inibido pela presença dos cinco que entravam no mar.

— Como eu posso esquecer? O problema é que eu fico com cada vez mais vontade — disse ela, roçando nossos pés cheios de areia.

Aquilo me deu um calafrio, um arrepio subiu pelas pernas até a nuca. Comecei a ficar tenso e ansioso. Deu até dor de barriga, sei lá. Mal esperava que o barco se afastasse para puxá-la até o outro lado da praia, onde ficava o riacho.

E assim fizemos. Havia outra canoa amarrada a um tronco e que, àquela hora, maré no osso, estava inteiramente fora d'água. Deitei-a por cima do pano de vela, meio enrolado ao mastro, e me atirei sobre ela, que já me esperava nua. Nem nos importamos com aquela cama incômoda, pois o sol da manhã fresca e a brisa suave que corria da ilha para o rio nos embalavam, fazendo-nos esquecer do mundo e da hora.

— Posso saber o que está aconteceu aqui? — era Beraldo, irmão mais velho de Claudinha. Eles já haviam armado a groseira, retornaram, puxaram o barco para cima e nós, distraídos, concentrados nos nossos corpos e sensações, nem percebemos. É preciso dizer que gelamos? Vestimo-nos mais rapidamente ainda do que nos despimos. Ela ficou muda e eu, gago e amarelo.

— Nós esta-ta-ta... — não saía coisa alguma.

— Não precisam dizer nada pra mim, não. Vocês vão ter que se explicar é para o pai — ameaçou Beraldo, aumentando o nosso pânico. Até então, foi o medo mais pavoroso que senti na minha vida. “E agora? O que vou fazer? O que o pai e os irmãos de Claudinha vão fazer comigo? O que eu vou dizer para os meus pais?” Os meus irmãos, coitados, permaneciam em choque.

SANTO GRAAL



O homem vitimado por uma lesão medular vê-se, a princípio, como um inútil. À medida que vai descobrindo que atrás de um problema virá outro que poderá ser pior, alterna o estado de espírito. Há momentos intensos de devoção a Deus, devoção movida por uma grande esperança, alternados com dias de descrença e profunda depressão.

Um dia você recebe a notícia de que é favorável a cicatrização da vértebra atingida, embora o edema criado passe a ser um complicador, porque ajuda a comprimir ainda mais a medula. No outro dia, você descobre que não possui controle voluntário da bexiga e do intestino, que isso o levará imediatamente à incontinência e, mais tarde, à retenção de urina e fezes. Um dia, quando já acostumado, você se alegra com a enfermeira graciosa que vem lhe dar banho, mas sabe que não conseguirá brindá-la com uma ereção, como desesperadamente gostaria. No outro, você descobre que nos

pontos mais salientes das suas costas, nas proeminências ósseas, onde o osso praticamente encontra-se com a pele, formaram-se feridas, as escaras, e por isso você tem que viver sentindo dores sobre um colchão d'água, sobre o qual alguém tem que estar sempre o mudando de posição.

Eu queria obcecadamente saber de tudo, não queria que me escondessem nada. Queria saber sobre minhas chances, se existiam, e, quando não estava turvado pela ideia da morte, de que forma eu mesmo poderia ajudar no meu tratamento. Um dia, o amável — mas sempre duro! — doutor Badaró me explicou o quanto é difícil reverter uma lesão medular.

— Ainda há uma grande descrença quanto a uma terapia que reverta a paralisia provocada por lesão da medula, porque há muitos fatores envolvidos no problema. Pesquisadores do mundo inteiro, principalmente os neurocientistas, dedicam toda a vida buscando esse objetivo, que eles consideram ser o seu verdadeiro Santo Graal. Dentre as coisas mais relevantes, eles buscam elucidar o motivo que impede os neurônios presentes no Sistema Nervoso Central de se regenerarem após a lesão. Porque, ao contrário de outras células nervosas espalhadas pelo corpo e capazes de se regenerar, as mesmas células no cérebro e na medula não se regeneram, o que pode tornar irreversível tal lesão. O motivo é a presença de uma proteína inibidora do crescimento dos neurônios do Sistema Nervoso. Mas

os neurocientistas já desenvolveram um anticorpo de modo a neutralizar a ação dessa proteína e possibilitar a regeneração dos neurônios lesados. Também há estudos de substâncias que sejam capazes de estimular o crescimento das células nervosas.

— No meu caso, o que aconteceu exatamente com a minha coluna, doutor? — perguntei, sem entender quase nada do que ele me explicava.

— A lesão na medula, que passa dentro da coluna vertebral, pode se apresentar de formas diferentes, de acordo com a causa. Em alguns casos, pode haver a formação, no lugar lesionado, de uma cicatriz, que nós chamamos de cicatriz medular, ou scar. Em seguida à lesão da medula, um grupo de células é ativado e forma essa cicatriz, que tem a finalidade de proteger o lugar lesionado do mundo exterior. Mas, por outro lado, acredita-se que tal cicatriz impeça que as células destruídas refaçam as suas conexões. Este não parece ser o seu caso, Mosquito.

Ele me chamou de Mosquito.

— E qual é o meu caso?

— No local da lesão também pode ocorrer apenas uma desmielinização das fibras nervosas. Deixa eu explicar direitinho para você entender bem. Existem os axônios, que são uma parte dos neurônios responsável pela transmissão dos impulsos nervosos. E existe a mielina, que é uma substância que cobre os axônios, isolando-os como se fosse a capa de um fio elétrico. Sem

essa bainha de mielina, os impulsos nervosos não são conduzidos adequadamente pelos axônios. No entanto, os casos de paralisia causados por desmielinização das células nervosas são, em tese, mais facilmente tratáveis, porque provavelmente não será necessário refazer as conexões nervosas.

— E este é o meu caso?

— Provavelmente, sim. Estamos ainda avaliando para confirmar se só ocorreu a desmielinização. Se a resposta for positiva, isso aumenta nossas chances...

— ...de eu voltar a andar?

— Não — respondeu secamente, parando de falar por um instante e respirando fundo, como que buscando força para continuar.

— Eu diria que é quase impossível você voltar a andar — ele prosseguiu.

Nessa hora, eu me calei, um soluço grosso entalou na garganta. Badaró percebeu e emendou:

— Nossa esperança é que essa tetraplegia seja temporária, que você retome inteiramente os movimentos dos braços e que consiga ter sua vida própria, mas se movendo numa cadeira de rodas. Se alcançarmos isso, já teremos conseguido muito.

DESESPERANÇA



A pessoa com esse tipo de lesão sofre, inicialmente, um choque psicológico, é surpreendida por uma mudança brusca na sua vida e não sabe exatamente o que está acontecendo. Depois, quando percebe que seu corpo não lhe obedece mais como obedecia, e não funciona mais como antes daquela fatídica fração de segundo, vem a negação, que é uma auto-defesa: não aceita que se encontre naquele estado, e age assim para se preservar. Só então vem a consciência dos acontecimentos, o reconhecimento do problema, quase sempre seguido da depressão. É o buraco. Se o conhecimento é belo, o auto-conhecimento, ou reconhecimento de si mesmo, é, nesses casos, doloroso, embora necessário. Reconhecer-se é aceitar-se. Mas não é fácil se aceitar quando se é um tetraplégico.

Inicialmente, como já disse, você se vê como uma coisa inútil. Inevitavelmente, vê-se fazendo comparações com o que era, com o que fazia e o muito que po-

deria fazer ainda. É envolvido por um sentimento de derrota porque tudo o que planejava para o futuro foi interrompido, nada do que estava nos seus planos importa mais. Você se sente desamparado. Sente-se um renegado de Deus e passa a duvidar da Sua misericórdia.

— Por que Deus permitiu que isso fosse acontecer comigo? Eu cometi meus pecados, talvez muitos pecados, mas não sou o mais miserável dos homens. Tanta gente má nesse mundo, meu Deus, tanta gente que rouba, tanta gente que mata e o senhor deixa acontecer logo a mim?

Você começa a duvidar da existência do Todo Poderoso.

— Se Ele existisse mesmo, não permitiria que essas desgraças acontecessem, tanta guerra, tanta gente inocente morrendo, tantos miseráveis vagando pelo mundo. E eu agora me junto a essa horda de miseráveis desabonados da sorte. Sim, porque se Deus não existe, só pode ser uma questão de sorte, mesmo.

Há uma mudança profunda na sua relação com o tempo. A vida passava logo, corria tão rápido e agora você percebe como os dias ficaram compridos, a translação da terra ficou mais lenta, a rotação do sol ficou mais lenta e o ponteiro do relógio na parede se arrasta, contando cada segundo que você perdeu ou que lhe resta.

“Que vida desgraçada! Eu não conseguirei viver assim. Eu quero morrer”.

— Eu quero morrer!

UM CÃO VIVO



Estava no desespero das minhas reminiscências, quando minha mãe entrou no quarto do hospital. Dona Maria del Carmen se fazia acompanhar de um homem, baixote, rosto ovalado, óculos redondos, que pouco depois percebi tratar-se do padre Rivas.

“Meu Deus, será que meu estado é tão grave assim e eu estou morrendo mesmo?”, pensei, já entrando em desespero, achando que o padre viesse para proferir a extrema-unção.

— José Agostinho, o padre Rivas quer lhe dirigir uma palavra — aproximou-se minha mãe, segurando-me pela mão, enquanto o padre estendia a sua mão branca e fria sobre a minha testa.

— Padre, sente-se aqui — disse ela, indicando a cadeira mais próxima à cama.

Padre Jesús Manuel Rivas, este o nome completo dele, era amigo dos meus pais. Acho que porque era galego também, como minha mãe. Ele celebrava mis-

sa na Igreja da Vitória, ali no Largo da Vitória, onde quase rotineiramente meus pais assistiam às celebrações aos domingos.

— Como vai, José Agostinho Fernández Dantas?

— perguntou-me o sacerdote, como que tentando travar um diálogo, mas já estabelecendo uma barreira entre nós. Ao pronunciar meu nome completo, pausadamente, estaria querendo assinalar que a autoridade ali era ele?

Fiquei uns bons segundos sem responder, com vontade de largar uma estupidez qualquer.

— O que o senhor acha? — limitei-me a retrucar, sendo imediatamente censurado por minha mãe, que acompanhava da poltrona, do lado oposto da cama, e apenas levantou a mão direita com um gesto de “pare”.

— Vejo que estás triste, aborrecido, e sei que tens razão para isso. Só não tens razão para alimentares a desesperança — emendou, naquele seu aveludado sotaque espanhol, mas de um jeito um tanto ríspido, corroborado pelo arquear das grossas sobrancelhas. Eu entendi como se até numa hora dessas ele estivesse querendo dizer: “Você pode ter perdido os movimentos, mas não pode perder a razão”.

— Tu já debes ter ouvido uma frase muito popular, que diz assim: “Enquanto há vida há esperança” — iniciou seu sermão, eu confirmei com a cabeça, enquanto ele prosseguia, após uma longa respiração. — A origem desta expressão que se tornou popular é o li-

vro sagrado, a Bíblia. Está lá escrito em um dos Livros Poéticos do Antigo Testamento, chamado *Eclesiastes*: “Não há ninguém que viva sempre, nem que tenha esperança disto”. E prossegue: “Mais vale um cão vivo do que um leão morto”.

“Mais vale um cão vivo do que um leão morto”, repeti para mim mesmo. “O que significa isso?”

— Isto é um alerta contra o martírio inútil e sem sentido, porque enquanto estamos vivos sempre podemos esperar. A morte é onde termina a esperança. Com ela vem o desespero e depois dela vem a desesperança. Portanto, esperar, ter qualquer esperança, é algo que só pertence aos vivos, porque quem não vive não espera. Ou melhor: quem coloca as esperanças em outro mundo é porque não vê mais esperanças neste. Mas enquanto há vida há esperança.

“Enquanto há vida há esperança. Esperança de quê?”, eu pensava.

— Escutas isto — disse-me, como se estivesse lendo meus pensamentos e, sacando um exemplar do livro encadernado em couro, prosseguiu no mesmo capítulo do *Eclesiastes*: — “Porque os que estão vivos sabem que hão de morrer, porém os mortos não sabem mais nada; nem dali por diante eles têm alguma recompensa, porque a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Também o amor, o ódio, a inveja pereceram juntamente com eles, e não têm mais parte neste século, nem tampouco em obra alguma que se faz debaixo do sol.

Vai, pois, come o teu pão com alegria, bebe com gosto o teu vinho, porque a Deus agradam as tuas obras”.

Eu escutava, enquanto o padre Rivas, após olhar-me por cima dos óculos e certificar-se de que eu prestava atenção, concluía o texto:

— “Faze com presteza tudo quanto pode fazer a tua mão, porque na sepultura, para onde te precipitas, não haverá nem obra, nem razão, nem sabedoria, nem ciência”. Parou a fitar-me.

— Padre — ousei indagar —, por que isso foi acontecer justamente comigo?

— Escutas, a resposta está aqui mesmo, no começo do capítulo 9 do *Eclesiastes*, este que leio para ti: “Resolvi todas estas coisas no meu coração, para diligentemente as entender; há justos e sábios, e as suas obras estão na mão de Deus, e contudo o homem não sabe se é digno de amor, se de ódio; mas tudo se reserva incerto para o futuro, visto acontecerem todas as coisas igualmente ao justo e ao ímpio, ao bom e ao mau, ao puro e ao impuro, ao que sacrifica vítimas e ao que despreza os sacrifícios. O bom é tratado como o pecador, o perjuro como aquele que jura verdade”.

— E por que justamente agora? — arrisquei, não me dando por convencido.

— Porque todas as coisas têm o seu tempo e o seu lugar. Ouça só mais isto, ainda do *Eclesiastes*, agora no capítulo 3: “Há tempo de nascer e tempo de morrer. Há tempo de plantar. Há tempo de arrancar o que se plan-

tou. Há tempo de matar e tempo de sarar. Há tempo de destruir e tempo de edificar. Há tempo de chorar e tempo de rir. Há tempo de se afligir e tempo de dançar. Há tempo de espalhar pedras e tempo de as juntar. Há tempo de abraços e tempo de se afastar deles. Há tempo de adquirir e tempo de perder. Há tempo de guardar e tempo de lançar fora. Há tempo de rasgar e tempo de coser. Há tempo de calar e tempo de falar. Há tempo de amor e tempo de ódio. Há tempo de guerra e tempo de paz”.

Ficamos um minuto em silêncio, como se padre Rivas estivesse me testando. Mantive-me calado, então ele olhou-me mais uma vez, tomou fôlego novamente e encerrou:

— Não te perguntarei se tens esperança, meu filho. Pergunto-te qual é essa esperança na qual esperas?

— Minha esperança é poder me sentar e movimentar meus braços normalmente — respondi imediatamente, de uma forma espontânea, sem pensar muito naquilo que dizia e sem conseguir conter o choro. Um convulsivo choro.



A VIDA É BELA



O ser humano é um animal estranho. Briga eternamente pelo poder, que quase sempre se resume a ter dinheiro, ter posses, as mais desejadas companhias. Mas nunca se dá por satisfeito. Quer sempre mais. O homem quer ter o mundo aos seus pés e na estúpida ganância de poder nem se dá conta do mundo que tem às mãos. Quase sempre é no leito de morte ou quando a vida se encontra ameaçada que descobre quanto é belo tudo o que está ao curto alcance dos olhos: a pessoa que dedicou os anos a lhe dispensar carinho e amizade, a saúde de que gozava e proporcionou mover-se e fazer girar a roda da vida, a música sobre a qual nunca se dedicou a ouvir com atenção, o azul inconfundível do céu descortinado na janela entreaberta.

No hospital, após os sermões do padre Rivas, meditei muito sobre as mortes do tio de Marinho, ceifado na felicidade de retornar para casa, e do menino que foi soterrado sob a duna, prematuramente extinto na

sua felicidade infantil, e reafirmei a consumida crença: melhor é qualquer providência desse vasto mundo, desde que continuemos com os olhos abertos e respirando, do que estar no lugar deles. Eu suportaria tudo, mas não a agonia que passaram — um preso às ferragens do caminhão, o outro soterrado, ambos lentamente sucumbindo ao golpe certo da lâmina de aço da indesejável senhora.

Alguém já deve ter lido isso em algum lugar: quando se passa muito tempo num hospital, vê-se ao sair que o mundo é bem diferente daquele de antes da enfermidade que resultou no internamento. Vê-se que o desenho das nuvens é perfeito na sua arquitetura infinita e que a luz do sol é densa e agradável. Vê-se que, ao contrário de ser igual, o verde das plantas é diverso e que os animais parecem estar sempre felizes. Percebe-se que a terra tem cheiro, que o vento murmura um sopro animador e a chuva que molha é benfazeja e nunca inconveniente. Quando se sai de um penoso internamento hospitalar, o mundo lhe sorri mais bonito, seu coração quer dar bom dia e agradecer às pessoas pelos gestos mais cotidianos. A vida é bela e não conseguíamos antes enxergar.

Foi a sensação que experimentei quando deixei o Hospital Espanhol cerca de um mês depois do mergulho: não era mais o mesmo, eu tinha consciência dessa transformação interior, porque me sentia mais vivo do que nunca e o mundo tinha ficado mais colorido. O céu

de Salvador estava particularmente lindo naquele instante mágico e o cheiro do mar da Barra era perfumado.

Satisfazia-me pensar como, na minha curta existência, tenha vivido tão intensamente. Engraçado é que até as coisas que poderiam ter resultado em repreensão ou falsos julgamentos passaram a ser motivo de prazer por tê-las realizado. Iniciar-me com a empregada do juiz, por exemplo, agora me enchia de orgulho, quando quase me condenei ao fogo do inferno por ter cometido tão ignominioso pecado e, principalmente, por ter sido descoberto quando pecava.

Foi uma das piores vergonhas que passei na vida. Um dia, o pai de Tatau contou para o pai de Marinho, nas nossas presenças, que eu, meu amigo e até o próprio filho dele aproveitávamos quando ele saía de casa para cometer atos de conjunção com sua empregada, no caso, a nossa adorável Neide.

— Esses três safados, aproveitam quando eu dou as costas para tirar sarro da minha empregada — disse, com sua bocarra, repetindo a história algumas vezes, provocando uma ponta de acanhamento em seu Correia.

Foi um vexame. O juiz era debochado. Ele dava um tom de julgamento sério à denúncia, mas depois caía na gargalhada. O pai de Marinho ria amarelo enquanto o filho, coitado, não sabia onde descansar os olhos. Eu também morria de vergonha, mas dava graças a Deus por meu pai não saber daquela safadeza.

“Juiz desbocado! Onde já se viu comentar uma particularidade dessas?” — pensava, quieto e calado, lembrando da libertinagem gostosa, mas tão maduramente discreta, que Neide nos proporcionava.

Hoje é mais do que prazeroso saber que isso tenha ocorrido. Percebo agora como um sinal evidente de que minha vida era ativa e frutífera. Foi bom que tenha acontecido exatamente daquele jeito, como também é maravilhoso hoje lembrar de como eu e Claudinha fomos pegos em flagrante delito na praia da Atalaia Nova. Os irmãos dela nos ameaçaram, garantiram que iriam nos denunciar ao pai deles, mas isso nunca aconteceu. Acho que porque na Atalaia Nova, talvez por efeito daquela brisa cheirosa que sopra do mar, a vida era libertina. No fim das contas, as pessoas achavam tudo muito natural.

Morri de medo por muitos dias, acreditando que a qualquer hora meus pais receberiam a visita do pai de Claudinha, que iria exigir um reparo pela virgindade perdida, embora eu e ela soubéssemos que já era mulher quando a conheci. O velho pescador nunca apareceu e mal fiquei sabendo quem era. Foi medo em vão? Não. Tudo foi parte de uma experiência de vida enriquecedora para mim. E foi tão bonito! Foi maravilhoso ter conhecido Claudinha, tão cheia de vida! E o que há de mais belo senão a vida?

TETRAPARESIA



— **T**rago boas notícias para você, José Agostinho — disse um dia o comedido doutor Badaró, introduzindo-se no meu quarto sem nenhuma cerimônia, desacompanhado, quando eu já estava sendo assistido pelo fisioterapeuta e pelo terapeuta ocupacional. Sugeriu até um rasgo de sorriso no canto da boca e isso me deixou mais intrigado do que ansioso por saber das boas novas que o traziam. Era estranho ver o circunspecto e até frio doutor adentrar no meu ambiente demonstrando alguma alegria.

— Ih, Mosquito! Lá vem o doutor com suas boas notícias. É difícil esperar isso da parte do senhor, doutor Badaró — recepcionei-o cinicamente, deixando claro para ele o meu estado de ânimo naquele dia.

— Após as últimas avaliações, agora mais precisas graças à ajuda da fisioterapia, posso finalmente dizer que confirmei uma suspeita. É algo bom e que aumenta muito suas possibilidades de recuperação.

— Então diga logo. Estou morrendo de ansiedade — debochei, quase forçando um bocejo.

— Você já não está tetraplégico — afirmou, aumentando o suspense, suspendendo a fala para sentir a minha reação. Não me abalei, já prevendo que, de qualquer sorte, a coisa não deveria ser tão boa assim.

— Seu estado evoluiu para uma tetraparesia desproporcional — disse calmamente, quase soletrando as palavras, no seu estado de frieza habitual.

— Evoluiu foi? O que é isso? E que diferença isso faz? — desdenhei, como se já soubesse o que aquilo significava, embora não tivesse compreendido nada do que o médico dizia e já esperando que ele me desse uma longa e hermética resposta.

— A diferença pode ser enorme. Deixa eu lhe explicar de novo uma coisa: nas lesões medulares, cada detalhe é fundamental, seja no agravamento do quadro, seja na evolução para uma melhora. Esse tipo de lesão pode provocar inúmeras deficiências, como a monoplegia, que é a paralisia em apenas um membro do corpo, a hemiplegia, que é a paralisiação total das funções de um dos lados do corpo, a paraplegia, a tetraplegia, a tetraparesia et cetera. E cada deficiência dessa pode ter um grau maior ou menor de complicação, dependendo da localização e da gravidade da lesão medular. Você, posso afirmar agora com certeza, já melhorou daquela tetraplegia inicial, como prevíamos, e avançou para uma tetraparesia, que é uma lesão medular incomple-

ta. É por isso que permaneceram em você algumas sensações ou um certo controle dos braços e das pernas. Só que o seu quadro é de uma tetraparesia desproporcional, ou seja, você tem mais controle do tronco e dos braços do que das pernas.

— Isso quer dizer que eu vou voltar a andar? — apressei-me, imprudente.

— Não, eu já disse isso. Isso é quase impossível, meu filho — respondeu um quase impaciente Badaró, voltando definitivamente ao seu estado normal.

— Então não muda nada.

— Muda, sim. Você é um menino de sorte, José Agostinho. Graças à altura da lesão, na sétima cervical, como já disse, e à intensidade dessa lesão, que foi relativamente moderada e não seccionou a medula espinhal, você agora tem os movimentos dos ombros e a flexão dos braços, com a presença das extensões de cotovelos, punhos e dedos, além de algum movimento ao longo das pernas. Tudo isso é muito animador no seu tratamento e será fundamental na sua recuperação.

— Recuperar o quê, seu eu não vou mais andar?

— Não era você quem queria voltar a sentar e movimentar inteiramente os braços? Pois eu lhe digo que você voltará a sentar sozinho, realizar coisas sozinho, ter uma vida normal — dentro das limitações de uma pessoa portadora de deficiência física.

Era insuportável ouvir aquilo, “vida normal de um portador de deficiência”. Normal? Fiz um muxoxo,

doutor Badaró percebeu o meu desânimo e tratou de me tranquilizar com argumentos bastante realistas, vamos dizer assim.

— Em primeiro lugar, você está meio deprimido por causa da medicação prescrita. Em segundo lugar, você tem sorte, sim, José Augusto, porque é jovem, com o organismo ainda em desenvolvimento, praticava atividades físicas frequentes e esse histórico é decisivo na recuperação. Mas tem uma coisa mais importante do que tudo isso: você precisa ter ânimo, vontade de se recuperar. Sem motivação, tudo o que fizermos, tudo o que o fisioterapeuta fizer, não vai valer nada. Motivos para motivar-se não faltam: além da sua idade e do seu bom estado físico, para as condições presentes, você é filho de uma família bem situada financeiramente, que pode assegurar todos os recursos disponíveis ao seu tratamento, incluindo os profissionais que o acompanham. Pense nas pessoas que sofrem acidentes até mais graves do que o seu e que não dispõem nem de 10% das suas condições para se tratar. Já pensou o que passam essas pessoas?

O danado do doutor Badaró estava com a razão. Fez-me lembrar de um mendigo paraplégico e das pernas atrofiadas que vivia pedindo esmolas numa sinaleira no Campo Grande e se movimentava arrastando a bunda pelo chão quente do asfalto ou caminhando com as mãos, plantando bananeira. No entanto, fazia malabarismos e vivia sorrindo, sempre disposto a dizer

uma pilhéria com os transeuntes e os motoristas que passavam. Se aquele rapaz podia, por que eu não?

— Só mais uma coisa: você não é digno de pena, não, José Agostinho. Piedade é a última coisa de que você precisa. Você precisa mesmo é se aceitar como é, dar graças a Deus por estar vivo e lutar com todas as suas forças pela sua recuperação. É um processo lento, não é nada fácil, embora, no seu caso, esteja evoluindo melhor do que esperávamos — disse o médico, despedindo-se secamente e se retirando do meu quarto.

Não consegui dormir naquela noite.



SANTO DAIME



No torpor provocado pelos medicamentos, recordava-me das experiências com drogas contadas por tio Rodolfo. Envolvido com a turma de teatro e artes plásticas, ele me falou de experiências alucinantes com ácido lisérgico e chás diversos, de cogumelos, cipós e raízes, além de maconha, é claro. Para quem vivia no mundo artístico, experimentar essas coisas naquela época era um batismo necessário, quase obrigatório. Se não fosse devidamente batizado, não faria parte da seita. Seita de malucos-beleza, bem entendido. Mas havia o lado pragmático da coisa, porque o tipo considerado careta era malvisto pelos colegas. Quem não experimentava a coisa não viajava e nem criava raízes.

Envolvido nessas experiências e arrastado pelas influências, até a uma seita ele aderiu. Foi uma vivência curta, mas dramática. Era o Santo Daime, a bebida alucinógena de origem indígena, primitivamente denominada ayahuasca, utilizada no sacramento da tal seita.

Ele a conheceu por intermédio de Ronaldo, um escultor que foi garimpeiro no Acre.

— Uma noite, fomos a um apartamento no fim de linha de Brotas, um ambiente misterioso, iluminado por velas coloridas, onde Ronaldo nos convenceu que o Santo Daime é um chá sagrado da seita Culto Eclético da Fluente Luz Universal, um trabalho espiritual que tem como objetivo alcançar o auto-conhecimento e a experiência de Deus ou do eu superior interno. Qualquer coisa assim. Para tanto, se utiliza, dentro de um contexto ritual sagrado, da ayahuasca, depois rebatizada como Santo Daime. Ronaldo explicou que o uso de uma substância alucinógena como sacramento fez parte das principais tradições religiosas da antiguidade e forneceu a base visionária de muitas das principais grandes religiões hoje existentes no mundo. Dá para acreditar numa loucura dessas? — indagou tio Rodolfo, olhar distante, acendendo o cigarro e divertindo-se com a lembrança daquela experiência mística.

— E aí, vocês beberam o tal chá? — perguntei, curioso para saber logo sobre o efeito da bebida.

— Calma! Deixa eu contar o que mais Ronaldo nos disse sobre a seita. Segundo ele, o culto litúrgico, denominado Eclético, se resume em comungar, nas datas apropriadas, a bebida como um sacramento, porque suas raízes estão impregnadas de um forte sincretismo de vários elementos culturais, folclóricos e religiosos. O uso do sacramento Santo Daime é realizado nas datas

do seu calendário festivo, obedecendo às regras dos rituais estabelecidas.

— Sim, mas vocês beberam a tal droga? — disse, já me impacientando.

Meu tio não se perturbou e prosseguiu:

— Não é um chá de zabumba que se bebe assim, não — fez um gesto de bater as costas de uma mão contra a palma da outra. — Existe toda uma preparação, há um ritual a ser cumprido, no qual o Santo Daime é o objeto central. Assim fizemos no obscuro apartamento do iniciado Ronaldo. Sentamo-nos em círculo, sobre esteiras colocadas ao chão, ele entoou alguns cânticos indígenas e trouxe o divino chá que, claro, já estava pronto, nos esperando. Cantou mais alguma coisa e nos serviu em canecas toscas de cascos de coco seco. Éramos cinco pessoas. À exceção do Ronaldo, que parecia ter entrado em transe, o único que sentiu alguma coisa foi um colega, o Leonardo, artista plástico também sergipano, que saiu correndo para o banheiro com ânsias de vômito.

— E você, sentiu o quê?

— Nada. Absolutamente, nada — disse tio Rodolfo, caindo na gargalhada. — Apenas um gosto ruim de terra misturada com mato. Não foi naquela noite que eu encontrei o caminho do paraíso — encerrou, rindo muito daquela experiência maluca.

— E depois você encontrou o tal caminho do paraíso? — quis saber, falando sério e muito interessado.

— Do paraíso, não. Mas talvez do inferno. Experimentei delírios incríveis com LSD. Um artista baiano esperto, que havia chegado de Amsterdan, nos apresentou a *Lucy in the sky with diamond*. Foram experiências incríveis.

— O que é LSD? — perguntei, na minha ingenuidade.

— É o ácido lisérgico, ou simplesmente ácido, raiz do movimento psicodélico dos anos 60. Proporciona uma viagem muito maluca. Experimentamos após uma festinha na universidade e foi fornecido pelo holandês — na verdade, um negão de um metro e oitenta, olhos verdes, que passamos a chamar de holandês. Para resumir essa história, eu vi acontecerem coisas absurdas, inclusive vi as mangueiras do Vale do Canela se derreterem.

— Como assim, se derreterem?

— É que o LSD provoca alucinações visuais estranhíssimas. Às vezes você enxerga algo bonito, um caleidoscópio, por exemplo. Outras vezes você pensa enxergar um monstro terrível pronto para lhe atacar. É um misto de sensações. Mas fica nisso — explicou tio Rodolfo.

— Mas essa foi a pior experiência com drogas que você teve?

— Não é algo que se possa chamar exatamente de pior. Ruim mesmo foi presenciar uma colega sofrer uma overdose de cocaína, após ingerir muito uísque, ela que já se entupia de outras drogas lícitas, os remédios tarja-preta, e quase morrer ali mesmo, no meio da tur-

ma, toda vomitada e se debatendo muito. Mas cocaína nunca foi minha praia, além de que era uma coisa rara na época — concluiu tio Rodolfo, riso meio sem graça, despedindo-se e me deixando só no quarto.

Eram tardes divertidas, ouvindo aquelas histórias malucas da época em que ele estudava na Escola de Teatro. Era gostoso ouvir como ele viveu tudo o que lhe foi permitido viver. E era feliz por isso.



USANDO A CABEÇA



O lesionado medular é um baú de surpresas. Ninguém pode prever com precisão a extensão da lesão, as consequências dela e de que forma o paciente vai se recuperar — se é que vai se recuperar. O lesionado pode chegar quase morto ao hospital e, com um mês, estar caminhando de novo, mesmo que com a ajuda de aparelhos ou órteses. Ou pode chegar lúcido, falando, gesticulando e nunca mais poder sentir as próprias pernas. Pode responder à fisioterapia com espantosa agilidade e rapidez, ou levar anos para conseguir mover um único e mísero dedo. Tudo é imprevisível.

O tratamento fisioterápico e a terapia ocupacional são lentos e repetitivos. Enquanto um profissional trabalha seu físico para você ganhar força muscular e movimento nas articulações, o outro faz você procurar encontrar as habilidades perdidas, como segurar uma caneta ou uma folha de papel. Minha fisioterapeuta chama-se Edna. É uma negra linda, física e espiritual-

mente, uma filha-de-santo intelectualmente preparada, muito paciente e bastante sensível. Tranquila por estar com as obrigações com o seu santo em dia, foi ela quem de fato me fez recuperar a auto-estima. E o fez não trabalhando os meus músculos, mas mexendo com a minha cabeça dura e teimosa.

— Olha, Mosquito — eu pedi que ela me chamasse assim. Era um apelido que eu só permitia a poucas pessoas e ela fez por onde ser aceita nesse restrito círculo —, sua cabeça continua a mesma de antes e aí está a sua maior força. Você não mudou de personalidade e seus desejos, ambições, preferências, modo de pensar e enfrentar as situações continuam sendo os mesmos. A terapia é importante, quanto mais intensa, melhor. Mas você tem que se concentrar nos exercícios, porque não adianta eu estar trabalhando seus músculos e articulações se você está dispersivo, sem se importar com o que eu estou fazendo.

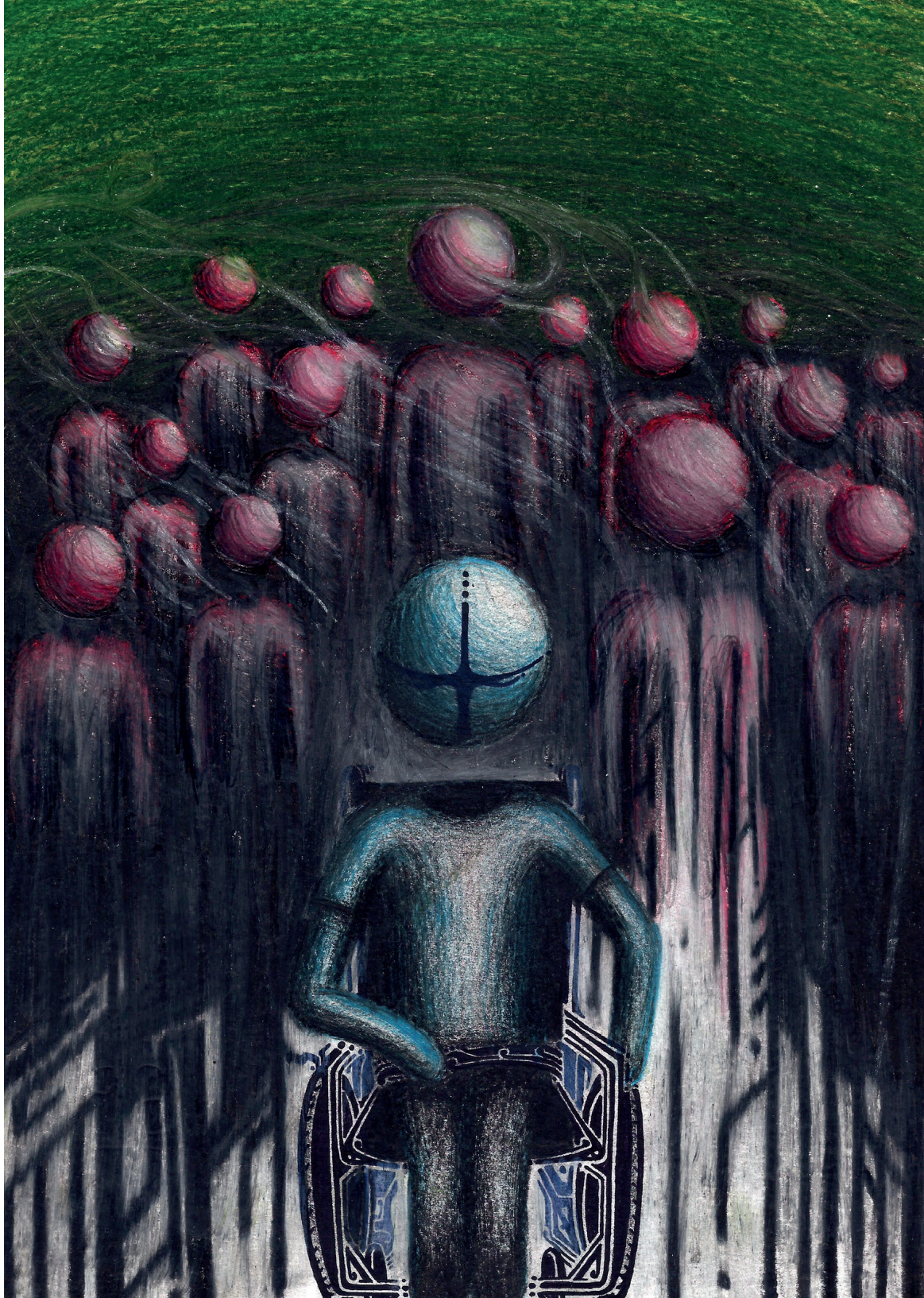
Eu ficava ali, olhando a Edna me dizer aquilo, concentrado mais nos seus conselhos do que nas suas instruções. Ela prosseguiu:

— Você é um rapaz inteligente, que gosta de ler, que gosta de fazer poesia e gosta de brinquedos criativos — ela falava no presente, para espertamente não erguer um muro entre o que eu era naquele momento e o que tinha sido no passado.

— Pois vou lhe dizer mais uma coisa: o uso do intelecto ajuda muito nesse tratamento. Quem usa o in-

telecto tem mais chance de se recuperar do que uma pessoa ignorante, desajeitada, que possui pouca habilidade nas atividades intelectuais. A atividade no cérebro ajuda na aquisição da coordenação. Use sua inteligência para sentir o seu corpo, procurar suas respostas. Nosso sistema nervoso é muito plástico, mas nós não usamos toda a sua capacidade. Você tem que aprender a utilizar o máximo da sua rede neural. Compense sua deficiência física usando seu cérebro, seus nervos, menino!

Ganhei verdadeira motivação depois daquilo que Edna me disse. Como em tudo o que fiz na minha vida até então, eu deveria usar a cabeça, o intelecto. Foi o que voltei a fazer a partir daquele dia. E acho que deu certo.





CADEIRA DE RODAS



A primeira coisa que passa na cabeça de uma pessoa que usa cadeira de rodas é a vergonha ou medo de se expor em público. Abrir a porta do carro e esperar que busquem a cadeira para você sentar, ir a lugares como shopping, restaurante, cinema, tudo é motivo para recear os olhares das pessoas. Isso a princípio limita a reabilitação, você se recolhe em casa, não quer mais sair, mesmo quando necessário.

Por isso eu não me senti tão feliz quando consegui passar para a cadeira de rodas, apesar de ter-me alegrado muito por ter readquirido o controle quase total dos braços e a possibilidade de poder voltar a sentar. Mas as transformações na aparência e no funcionamento do corpo nos impedem de manter uma relação social sem conflitos, pelo menos no começo. Doutor Badaró e Edna tiveram que insistir muito comigo até que eu aceitasse sair à rua de cadeira de rodas.

— Observe uma coisa: toda pessoa tem algum tipo de limitação, seja ela deficiente ou não. E todos têm que ter a consciência de que a nossa sociedade não está informada sobre os assuntos que se referem aos deficientes, de como ocorre uma deficiência, suas consequências, tipos de lesão, os tratamentos existentes. Todos têm que ter consciência da capacidade das pessoas de viver uma vida normal dentro dos padrões existentes, vivê-la o mais intensamente possível, desfrutando das coisas boas, dentro das limitações de cada um — disse-me o doutor Badaró, ensinando-me que nem sempre os olhares das pessoas são de mera curiosidade ou de pena, mas pode ser apenas interesse, vontade de aproximar-se e travar um conhecimento, como aconteceria com qualquer um.

— Lembre-se que tudo o que foge aos padrões ditos normais chama atenção. As pessoas diferentes chamam atenção, por isso é comum aos artistas vestirem-se de maneira diferente ou usarem cabelos diferentes e até possuírem carros diferentes, para chamarem atenção. Até uma mulher bonita demais chama a atenção, porque foge dos padrões normais de beleza. Mas uma vez que se acostuma com o “diferente”, ele passa a ser normal para você. Acostume-se com os olhares das pessoas e elas passarão a se acostumar com você — concluiu o bom Badaró, dando um forte tapa no meu ombro.

Ele estava certo e errado ao mesmo tempo, porque é mais difícil acostumar-se à cadeira de rodas na prá-

tica do que na teoria. Viver é perigoso, mas a vida fora de casa torna-se um desafio infinitamente maior para o portador de deficiência. Desde as já habituais barreiras físicas que nos impedem de deslocar livremente, até a falta de vagas para estacionar o carro, não esquecendo das pessoas que têm mania de segurar sua cadeira para “ajudar”, tudo é um complicador na vida do deficiente. A conversa fica travada, porque as pessoas têm receio de usar certas palavras, como “andar” e “correr”, ou então param um tempão conversado em pé, enquanto você vai ficando de pescoço duro por ter que olhar para cima, esperando que aquele monólogo não se alongue demais.

Voltar a se relacionar com as pessoas talvez seja o capítulo mais difícil do manual de readaptação à vida em sociedade.



UMA EREÇÃO



Alegria mesmo foi quando eu tive a primeira ereção. Meu estado não era de paraplegia ainda e não havia chegado à cadeira de rodas. Estava na fase de prostração sobre a cama e precisava de auxílio na higiene pessoal. Uma enfermeira me acompanhava durante o dia, do nascer ao pôr do sol. Chamava-se Luz. Era branquinha, meiga e muito sensual, embora não fosse nenhum símbolo sexual.

Se me borrava todo, Luz acudia imediatamente ao toque da minha campainha e limpava-me pacientemente, sempre conversando coisas triviais para distrair o desapontamento do paciente, sem alterar a serenidade da carinha de anjo. E se o excesso de líquido que eu havia ingerido insistia em sair sem minha ordem, lá vinha Luz me limpar e trocar o fraldão.

Um dia, algo inesperado aconteceu. Dava-me ela um banho de asseio completo, quando, ao limpar carinhosamente minhas partes e sem que eu previsse, meu

membro enrijeceu e voltou a apontar para o umbigo, como há uma boa dezena de meses não acontecia. Naquele momento, foi vexatório para mim, embora a única reação de Luz tenha sido deixar escapar um sorrisinho maroto, escondendo um pouco a boca com uma das mãos — a que estava desocupada — e pronunciando uma safadezinha para me deixar mais confiante:

— É bem grandinho!

Foi uma alegria semelhante à da primeira vez em que pude mostrar aos amigos, lá no cajueiro da Vila Militar, que já era homem por conseguir ejacular. Algo animador, embora involuntário, como acabei descobrindo depois. Aquilo se tratava de uma ereção reflexa, um simples priapismo. Pelo nível da lesão, eu poderia ter a ereção gerada por estímulos nos órgãos genitais, mas não poderia sentir prazer. Digo, prazer sexual completo, pleno. Não produzia esperma e nem ejaculava. Na lesão medular, é mais comum a presença da ereção do que a da ejaculação. Com o tempo, reeduca-se para o amor, para fazer sexo e dar prazer à parceira. Mas é necessário bastante paciência e exercícios.

Mas nada disso me importava naquele instante. Eu estava feliz por voltar a ter ereção e ainda mais por ter acontecido com a ajuda, mesmo que involuntária, da meiga e divina Luz. Sem querer, ela iluminou um pouco mais a minha vida.



PRANCHA ORTOSTÁTICA

Ainda não estava adaptado à nova condição e, para conseguir atingir esse nível, esforçava-me muito, agora seguia exemplarmente os exercícios passados pela fisioterapeuta, fosse na presença dela, fosse sozinho, em casa ou quando ia à clínica de reabilitação. Uma vez, na clínica, que ficava na Avenida Anita Garibaldi, eu passei pelo momento mais emocionante do tratamento até então.

Naquele dia, acompanhado dos meus pais e de Edna, eu fui colocado pela primeira vez numa prancha ortostática. É uma espécie de maca, que sobe como uma caçamba, e serve para colocar o paciente de pé, na posição ereta. Devidamente preso por cintos, você é deitado com os pés apoiados sobre uma base e tem lentamente erguida a cabeceira da prancha. De repente, você se vê de pé, olhando-se por inteiro num espelho. E vê-se de pé novamente, pela primeira vez, é mais do que emocionante, é indescritível. Não segurei um longo

choro, acompanhado a certa distância do choramingar da minha fisioterapeuta e dos meus pais.

Há quanto tempo eu não me via de pé! Quando se é normal, digo, quando não se tem uma deficiência tão grave, você não dá a mínima para essa lei natural da evolução das espécies, que privilegiou o homem com a condição de poder usar apenas os dois membros inferiores para se locomover. Você não dá a mínima para o fato de ser bípede. Não se valoriza o ficar em pé, caminhar, correr, saltar, trepar em árvores e até subir no telhado para buscar a pipa. E jamais alguém vai imaginar que, uma vez perdida a condição de bípede, enfrenta-se problemas que vão além do medo de se expor e da aceitação ou rejeição que terão em relação a você. Apenas por não poder ficar de pé, seu corpo padece: as articulações enferrujam, travam; a circulação é prejudicada, porque não há estímulo na região para fazer o sangue correr; os intestinos ficam preguiçosos e podem simplesmente deixar de trabalhar. Vê-se de pé, disse-me Edna, é também uma técnica utilizada na terapia para valorizar o paciente.

— É preciso readaptar-se à postura bípede, mesmo que não se consiga mais caminhar. Além do que o trabalho na cama ortostática é importante para estimular os pulmões, o intestino e as articulações das pernas. É um exercício necessário na prevenção de muitas doenças, incluindo a osteoporose — explicou ela, após ter-me enxugado o rosto com um lenço de papel.

De fato, fazia-me muito bem olhar no espelho e enxergar-me ali, de pé. Na noite daquela maravilhosa experiência, sonhei que jogava bola na Vila Militar e fazia o gol da vitória contra os filhos dos oficiais. Golaço de canhota!





O SONHO



No sonho, após comemorar bastante, eu saía diretamente do futebol para um mergulho no rio com Claudinha. Seus dentes eram muito alvos, ela estava de vestidinho branco e assim caía na água, exibindo toda a transparência do tecido de algodão molhado. Ela mergulhava, nadava de volta, abraçava-me bem forte, beijava-me gostoso e mergulhava de novo. Claudinha nadava tão bem quanto fazia amor, suavemente, contorcendo-se lentamente, debatendo-se apenas o necessário para conseguir atingir o que queria, sem dispende muita energia.

No meio do sonho, apareceu Eliete. Ela tinha os óculos de lentes grossas e trazia uma folha de papel à mão, com o qual me acenava. Vendo-a também, Claudinha deixou de brincar, afastou-se de mim e começou a nadar para longe. Olhei mais uma vez para Eliete, que se aproximava lentamente, caminhando sobre a lama do mangue. Eu tentava não a desprezar, tinha

que também dar atenção a ela. Ao me virar, reparei que Claudinha já ia longe, sempre nadando no seu ritmo compassado, sem pressa, mas continuamente. Gritei: Claudinha! Claudinha! Ela não parava de nadar. Então decidi segui-la, fui nadando, nadando e, quanto mais me debatia, mais ela se afastava de mim. Eu tentava aproximar-me, acelerava o ritmo do nado e era inútil, ela se afastava. Até que cansei, perdi o fôlego e comecei a afundar. Tentava emergir e não conseguia, alguma força me puxava para dentro d'água, como se minhas pernas estivessem presas a alguma coisa no fundo do rio.

Quando percebi a inutilidade de buscar o ar da superfície para respirar, procurei me acalmar e tentar adaptar-me ao ambiente do fundo do rio, onde percebi uma luz. Havia uma claridade que irradiava do fundo, algo difuso, porém mágico e sedutor. Aproximei-me mais e deparei-me com alguma coisa como um portal e através dele se chegava a um lugar incomum, onde era possível respirar tranquilamente, onde era plausível viver de um jeito bom, embora diferente do que vivera até então. Ali, a princípio, as pessoas olhavam com algum espanto para você, mas logo que se acostumavam com a nova presença se derretiam em afabilidade. No sonho, perdi Claudinha e Eliete. Em compensação, descobri um mundo diverso, carregado de possibilidades. Viver é despertar todos os dias e começar de novo.

Tiragem	<i>250 exemplares</i>
Formato	<i>15 x 21cm</i>
Tipografia	<i>Miller Text-Roman</i>
Papel	<i>Off-set 75g/m² (miolo)</i> <i>Cartão triplex 250m/g² (capa)</i>

O *Anofelino Solerte* é um romance de formação. É uma narrativa sobre a descoberta da amizade, do desejo, do amor, da vida e da morte. História de crescimento físico, intelectual e emocional de um pequeno burguês que, ainda jovem, vê-se obrigado a conviver com a dor e a superação, colocando sentimentos e valores em cheque ao perpassar os dilemas da transição entre a adolescência e o mundo adulto.

A narrativa é ambientada em três lugares vizinhos, mas distintos, Salvador, Aracaju e Atalaia Nova, na Ilha de Santa Luzia, e o tempo histórico é a ditadura militar, momento politicamente duro e culturalmente rico do Brasil. O protagonista, Mosquito, não possui nada de especial além da sua capacidade de conviver com as diferenças e de aprender logo cedo que a vida vale a pena se você consegue suportar e sobreviver às próprias feridas e às dores dos próximos.

